

JOAQUIM NG PEREIRA

**O CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU E O SEU MUSEU DE
MACAU – PERSPETIVAS PRESENTE E FUTURA**

(UM ESTUDO SOBRE BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS)

Orientador: Professor Doutor Rafael Gonçalo Pimentel Gomes Filipe

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2017

JOAQUIM NG PEREIRA

**O CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU E O SEU MUSEU DE
MACAU – PERSPETIVAS PRESENTE E FUTURA**

(UM ESTUDO SOBRE BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS)

Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
no dia 18/04/2018, perante o júri, nomeado pelo
Despacho de Nomeação n.º 441/2017 de 06/12/2017,
com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Victor Manuel Esteves
Flores

Arguente: Professor Doutor Damasceno Dias

Orientador: Professor Doutor Rafael Gonçalo Pimentel
Gomes Filipe

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2017

Epígrafe

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.

(IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus)

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Victor M. E. Flores, expresso o meu agradecimento pelo encorajamento para esta dissertação e pela sua disponibilidade apesar dos seus inúmeros afazeres.

Ao Professor Doutor Rafael Gomes Filipe, por ter aceite ser meu orientador nesta dissertação; pelos seus conselhos e sugestões, com que ela saiu muito enriquecida; pela grande disponibilidade, bem como pelo acompanhamento assíduo e empenhado que me dispensou ao longo da redação deste trabalho.

Ao Professor Doutor Luís Filipe Barreto, Presidente do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM), por ter autorizado a cedência de dados informativos, indispensável para a produção desta pesquisa.

Ao Doutor Énio de Souza, Responsável pelo Serviço Educativo do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau, pela preciosa colaboração na obtenção de informações sobre o funcionamento do Museu de Macau e do CCCM.

Ao General José E. M. Garcia Leandro, General Vasco J. Rocha Vieira e Dr. Jorge A. H. Rangel, pelos valiosos contributos que me dispensaram sobre o «nascimento» do CCCM e do Museu de Macau.

À Professora Dr.^a Yupin Chung, curadora de Arte Chinesa, do Museu de Glasgow e investigadora honorária sénior da Universidade de Glasgow, pela sua amizade, e pelo seu excelente apoio.

À minha família, pela paciência e espírito de sacrifício demonstrados em fins-de-semana e serões intermináveis em casa, sem sair, após dias de trabalho intenso, quando me entregava à produção desta dissertação.

Resumo

A presente dissertação de Mestrado visa estabelecer o diagnóstico do marketing cultural do Museu de Macau (MM), enquanto estrutura integrada no Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM). O diagnóstico abrange os anos entre 2010 e 2015, que coincidem largamente com o período mais agudo da grave crise financeira e económica que Portugal conheceu naqueles anos. Importava, para tanto, em primeiro lugar, conhecer os públicos do Museu de Macau e do CCCM, bem como as motivações que os levam a deslocar-se ao museu e a participar nas suas atividades, por forma a saber em que grau o instituto vem fidelizando aqueles públicos às suas diferentes ofertas.

Aceitando o convite, após uma visita ao Museu de Macau, para frequentar o Curso de Língua e Cultura Chinesa (CLCC) ali ministrado, a experiência pessoal adquirida nesse contexto levou a que nos interessássemos pelo estudo da lógica subjacente à intenção da instituição de manter, aumentar e diversificar os públicos do museu.

Focado no Museu de Macau, o estudo realizado centrava ainda a sua análise na articulação que o CCCM e o seu Museu de Macau, unidade integrada na Divisão de Museologia, mantêm e desenvolvem na promoção conjunta das respetivas funções, em termos de Visão, Missão e Valores.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, públicos, Museu de Macau, Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM).

Abstract

The present dissertation aims to establish the diagnosis of the cultural marketing policies of the Macao Museum (MM), as a structure integrated in the Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM). The diagnosis encompasses the years from 2010 to 2015, largely coincident with the most acute period of the serious financial and economic crisis that affected Portugal during those years. First of all, we needed to know the different publics of the Museu de Macau and of the CCCM, as well as the their motivations to visit the museum and to involve themselves more or less consistently in its activities.

Having accepted the invitation, after a visit to the Museu de Macau, to attend the Course of Chinese Language and Culture (CLCC), lectured in the premises of the museum, the personal experience gained during the classes, led us to study the logic behind the intention of the institute to keep, to diversify, and to increase its publics, above all those of the museum.

Focused on the Museu de Macau, our research aims furthermore to highlight the close articulation of the CCCM and its museum in order to promote their particular functions, in terms of Vision, Mission and Values.

KEYWORDS: communication, public, Macao Museum, Macao Scientific and Cultural Center (CCCM)

Abreviaturas, siglas e símbolos

CCCM	Centro Científico e Cultural de Macau
CM	Casa de Macau
EUA	Estados Unidos da América
EOM	Estatuto Orgânico de Macau
FCM	Fundação Casa de Macau
FJA	Fundação Jorge Álvares
FO	Fundação Oriente
GCS	Gabinete de Comunicação Social
HK	Hong Kong
IIM	Instituto Internacional de Macau
INE	Instituto Nacional de Estatística
LBRAEM	Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau
MM/CCCM	Museu de Macau/Centro Científico e Cultural de Macau
ONU	Organização das Nações Unidas
RAEM	Região Administrativa Especial de Macau
RPC	República Popular da China
UE	União Europeia

Índice Geral

Epígrafe.....	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Abreviaturas, siglas e símbolos	v
Índice de Quadros/Tabelas	ix
Índice de Gráficos.....	x
Índice de Imagens.....	xi
Introdução.....	1
A. Relevância do tema e objeto do estudo	1
B. Estrutura da Investigação.....	4
PARTE I - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO GERAL	5
Capítulo I – As relações Portugal/Macau/China	5
1. Os anos “gloriosos”	5
2. Administração portuguesa	7
3. Administração macaense (RAEM)	19
Capítulo II – Laços de cultura	22
1. Embaixada da República Popular da China na República Portuguesa	22
2. República Popular da China	23
3. Turismo de Macau	23
4. Instituições congéneres em Portugal:.....	23
a) Fundação Jorge Álvares (FJA):.....	24
b) Fundação Oriente (FO):	25
c) Instituto Internacional de Macau (IIM):.....	25
d) Casa de Macau (CM):	25

e. Conclusão:	26
PARTE II – INVESTIGAÇÃO E ESTUDO EMPÍRICO	27
Capítulo III – Seis anos de cultura: O CCCM e o Museu de Macau entre 2010 e 2015	27
1. O CCCM (<i>Centro Científico e Cultural de Macau</i>):	27
a. O CCCM e o Museu de Macau	27
b. Objetivos estratégicos do CCCM:.....	28
c. Recursos humanos e financeiros do CCCM:	29
d. Intercâmbio científico e cultural com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras ...	30
2. O Museu de Macau:	30
a) Constituição do acervo do museu e “itinerários” que o visitante pode explorar	30
b) Programas e atividades do Museu de Macau:	33
c) Públicos-alvo do CCCM/MM:.....	34
Capítulo IV – Inquérito estatístico	34
1. Objeto e organização metodológica do inquérito	34
a. Motivação inicial e complexificação	34
b. Listagem das hipóteses a serem testadas sob a forma de perguntas.....	35
c. Composição da amostra	35
d. Outras ações relacionadas com o inquérito	36
2. <i>Análise dos dados recolhidos pelo inquérito e seu cotejo com as 10 hipóteses de partida</i>	36
k. Breve comentário final.....	46
Capítulo V – Programação/execução de atividades do CCCM/MM e comportamento dos públicos entre 2010/2015	46
1. Análise e interpretação dos dados disponíveis sobre a atividade do CCCM/Museu de Macau ..	46
a. Museu de Macau	48

b. Curso de Língua e Cultura Chinesa (CLCC)	48
c. Conjunto do CCCM	48
d. Dados de outras fontes que confirmam a recuperação dos indicadores de atividades do CCCM/MM, no período em apreço	48
Capítulo VI – Conclusão e recomendações.....	49
1. Desafios.....	49
2. Recomendações.....	50
Bibliografia e Referências.....	52
Webgrafia.....	53
Suporte jornalístico	54
Anexos e apêndices	55

Índice de Quadros/Tabelas

Quadro 1 – Quadro de avaliação plano estratégico com valores para 2016

Quadro 2 – Quadro orçamento 2016 para o Min. Ciência Tecnologia

Tabela 1 – Número de atividades por ano no CCCM (2010-2015)

Tabela 2 – Número de ingressos anual no CCCM (2010-2015)

Tabela 3 – Número de inscrições anual no CLCC (2010-2015)

Tabela 4 – Registo anual da confiança dos portugueses (2010-2017)

Tabela 5 – Número de visitantes de equipamentos culturais (2010-2015)

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Estatística das faixas etárias

Gráfico 2 – Estatística das habilitações escolares

Gráfico 3 – Estatística do conhecimento sobre o MM/CCCM

Gráfico 4 – Estatística da divulgação sobre o MM/CCCM

Gráfico 5 – Estatística das intenções de visita ao MM/CCCM

Gráfico 6 – Estatística da utilidade da visita ao MM

Gráfico 7 – Estatística da vertente lúdica da visita ao MM

Gráfico 8 – Estatística da intenção de revisitação ao MM

Gráfico 9 – Estatística do conhecimento sobre o CLCC/CCCM

Gráfico 10 – Estatística da divulgação sobre o CLCC/CCCM

Gráfico 11 – Estatística do conhecimento sobre atividades do CCCM

Gráfico 12 – Estatística das participações em atividades do CCCM

Gráfico 13 – Estatística de intenção nas atividades do CCCM

Gráfico 14 – Estatística de opiniões às atividades do CCCM

Gráfico 15 – Estatística de opiniões ao relacionamento Portugal-China

Índice de Imagens

Imagem 1 – Entrada e jardim do CCCM/Museu de Macau

Imagem 2 – Dr. Énio de Souza (à esquerda) apresentando o museu a um grupo de visitantes

Imagem 3 – Planisfério da Ásia Oriental produzido por Sebastião Lopes (Sec. XVI)

Imagem 4 – Porcelana brasonada com heráldica portuguesa

Imagem 5 – Pormenor da Nau do Trato

Imagem 6 – Dr.^a Yupin Chung no Museu de Glasgow

Introdução

A. Relevância do tema e objeto do estudo

A cultura chinesa tem obtido reconhecimento e uma difusão cada vez maiores e mais significativos no Ocidente, nomeadamente na Europa e nos EUA. A relevância desse interesse traduz-se na procura crescente de indivíduos de ambos os sexos e diversas faixas etárias por instituições que disponibilizem informações e formações sobre o Extremo Oriente. Esta procura não tem objetivos meramente académicos. O desenvolvimento económico que os países orientais, especialmente a República Popular da China, têm conhecido nas últimas décadas torna estes países um terreno fértil para investir, quer em capital humano, quer em investimentos comerciais. Reciprocamente, tem existido abertura política por parte da China, que se traduziu num grande investimento económico e financeiro em países ocidentais, nomeadamente em Portugal e nos países de expressão lusófona. Por outro lado, é cada vez maior o número de exportações portuguesas para aquele país, com destaque para a indústria vinícola (Margarida Cardoso, 2017, p. 18)¹, como alternativa ao mercado cada vez mais incerto dos EUA. É, no entanto, ainda maior o investimento que a China tem feito no Ocidente e, através de Portugal, para entrar em mercados africanos. Nesse sentido, o grande portal para criar sinergias e contatos é Macau, sendo que Portugal, devido à sua presença secular naquele território, se encontra em posição privilegiada. É reconhecida a influência histórica portuguesa em Macau e, através deste território, as boas relações diplomáticas com a China, e daí os muitos acordos resultantes. No entanto, se por um lado existe um crescendo de migração de populações ocidentais para os países do Extremo Oriente, existe igualmente uma forte migração de população chinesa para o Ocidente (Anabela Campos/Isabel Vicente, pp. 22 a 25)². Nesta ótica, Portugal é o segundo país da EU preferido pelos chineses (5,5%) como destino migratório, só sendo ultrapassado pela Roménia (6,8%), segundo dados de janeiro de 2016, fornecidos pela Eurostat³. Esta população tem dinamizado o

¹ “O Dão está a despertar e promete ser uma revelação”, Margarida Cardoso, Revista Exame nº 396-Abril 2017, p. 18, Ed. IMPRESA

² “Os negócios da chinesa Fosun”, Anabela Campos/Isabel Vicente, Revista Exame nº 396-Abril 2017, pp. 22 a 25, Ed. IMPRESA

³ Tabela das migrações globais consultadas no Eurostat, acedido em 3/Junho/2017.

comércio nos países onde se insere, nomeadamente em Portugal, onde existe uma numerosa comunidade chinesa, incluindo comerciantes e empresários da alta finança. Nesta perspetiva, é possível quantificar o aumento da população chinesa em Portugal desde 2009, com especial incidência em 2014, em que aumentou de 949 homens e 998 mulheres (2009), para 1340 homens e 1398 mulheres (2014). Nos vistos de estada temporária e de residência concedidos nos postos consulares portugueses em 2014, dos 3.369 inscritos e aprovados em relação com países asiáticos, 1.073 vieram da China, sendo este, até então, o maior número de imigrantes registados e entrados em Portugal vindos da Ásia (ED2014, p. 125)⁴. Segundo o mesmo relatório do INE, em 2014, os brasileiros obtiveram o maior número de títulos de residência (5.560), seguidos da China (3.728), sendo os restantes indivíduos, oriundos de países da EU, em menor número (ED2014, p. 115).

O desenvolvimento económico da China e a sua expansão comercial e financeira para o Ocidente despertou o interesse das sociedades ocidentais em conhecer melhor aquele território, enquanto país e enquanto nação. O que tornou conveniente o estudo dos usos e costumes do país, como forma de compreender as suas leis, a sua história e o modo de vida da sociedade civil, especialmente no que se refere à cultura e ao idioma. De acordo com Peter Drucker, os critérios adotados pelos emigrantes enquadram-se nas características dos indivíduos das sociedades atuais, as emergentes sociedades do conhecimento. Segundo este autor, existe uma classe nova de trabalhadores, os «trabalhadores do conhecimento»:

“...o trabalhador do conhecimento tem acesso ao trabalho, ao emprego e à posição social através da instrução formal. A primeira implicação desta realidade é que a instrução irá tornar-se o centro da sociedade do conhecimento e o ensino será a sua instituição principal.”. (Drucker, 2009, p. 333).

Várias organizações portuguesas dedicam-se, pois, à oferta de cursos, formações, *workshops*, conferências e debates sobre a China, o seu sistema político e social, a sua cultura e a sua história, fornecendo assim conhecimento a todos os que estão interessados em compreender outros estilos de vida, suas regras e leis.

⁴ Estatísticas Demográficas 2014, Ed. INE, Setembro 2015, p. 125

Países como o Dubai e a China tornaram-se, por outro lado, destinos de profissionais altamente qualificados que ali procuram oportunidades de trabalho. A China tem vindo a sobrevalorizar sobremaneira a apetência migratória para o país. Tal deve-se, principalmente, à abertura a outros povos que o governo chinês tem promovido nos últimos anos, à celeridade do desenvolvimento económico e às regras menos rígidas do modo de vida da população chinesa, “autorizada” a mostrar-se mais tolerante relativamente aos usos e costumes do Ocidente, especialmente no que se refere à igualdade de género e às oportunidades de carreira. Se na China existe, assim, uma maior abertura aos usos e costumes da sociedade, no Dubai, embora ofereça recursos financeiros atrativos, a discriminação de género, os constrangimentos e impedimentos advindos das regras impostas pelos sistemas social e religioso afastam, ou são menos atrativos para as populações do Ocidente, que preferem a China como destino para refazerem as suas vidas.

Portugal revela-se, neste contexto, um país privilegiado não só pelas relações amistosas com a China, como pela facilidade de estabelecer contatos e celebrar acordos com aquele país, precisamente através de Macau, graças ao estatuto especial de que o território gozará durante 50 anos após a sua integração na China, estatuto esse largamente baseado no sistema legislativo português.

É pois natural que Portugal venha sendo, atualmente, objeto de uma procura crescente, por parte de indivíduos de vários países do Ocidente, que ali procuram conhecer melhor a cultura e o idioma daquele país do Extremo Oriente, bem como uma visão diferente e mais realista da China da que é oferecida nos seus países de origem. Efetivamente, Portugal tem um conhecimento que permite uma oferta riquíssima de cultura e história asiáticas, não só através de Macau, mas igualmente da Índia e do Japão. Outros dois países que deram um contributo importante para a miscigenação cultural numa relação profunda com o Oriente são a Inglaterra e a França. No entanto, devido às características dominadoras e prepotentes das suas colonizações, não conseguiram o mesmo sucesso que os portugueses, mais diplomáticos no seu relacionamento e comunicação com a China (apesar de Portugal apresentar a mesma síndrome da ideologia cultural ocidental no que respeita à sua colonização): “Podemos pois afirmar que cada europeu, naquilo que podia dizer sobre o Oriente, era racista,

imperialista e quase etnocêntrico. Poderá retirar-se alguma coisa da imediata mordacidade destes rótulos se também nos lembrarmos que as sociedades humanas, pelo menos as culturas mais avançadas, raramente ofereceram ao indivíduo qualquer coisa que não fosse imperialismo, racismo e etnocentrismo como forma de lidar com «outras» culturas.”⁵

Ainda assim, Portugal tornou-se num dos países que melhor entenderam os usos e costumes das civilizações orientais, porque em geral as respeitou cultural e civilizacionalmente, por necessidade ou conveniência, o que, todavia, foi um facto, tornando assim Portugal um país de referência para os países orientais e para o respetivo estudo.

Sendo Portugal um ponto de chegada e de partida de e para o Oriente, levanta-se a questão de saber o que as instituições têm contribuído para a oferta de conteúdos, nomeadamente culturais, a todos os que procuram conhecer o Oriente e os países asiáticos, com especial relevância para Macau e a China. Neste contexto, o papel que os museus desempenham enquanto transmissores de conhecimento histórico e cultural é fundamental, pois são exibidores de materiais, artigos e artefatos que dão um testemunho concreto das civilizações representadas, não podendo esse património exposto desligar-se das identidades tradicionais e da história do progresso social e civilizacional daquelas culturas.

Entre os vários museus e organizações que se dedicam ao estudo do conhecimento da China e nomeadamente de Macau, destacam-se, entre outros, o Centro Científico e Cultural de Macau (CCCCM), e particularmente o seu Museu de Macau, enquanto divulgadores da cultura daqueles territórios. O nosso propósito é o de realizar uma análise às atividades do Museu de Macau e do CCCC, e conhecer, designadamente, se o público tem correspondido às ofertas culturais do museu, e vice-versa, procurando antecipar, ainda, a evolução futura destas variáveis.

B. Estrutura da Investigação

A dissertação está estruturada em duas Partes, subdivididas em capítulos.

⁵ "ORIENTALISMO", Edward W. Said, COTOVIA (3ª ed., 2013), p. 238

Na produção desta dissertação, no que se refere à sua redação, foram respeitadas as normas para elaboração e apresentação das dissertações e teses atualmente em vigor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Igualmente foram respeitadas as regras do acordo ortográfico em vigor.

PARTE I - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO GERAL

Capítulo I – As relações Portugal/Macau/China

1. Os anos “gloriosos”

Em dezembro de 1999, completaram-se quatro séculos de permanência portuguesa em Macau, e ocorreu a devolução da sua administração à República Popular da China (RPC). Este facto tornou-se, assim, a última manifestação e o último resquício do império português legado pelos Descobrimentos. Estudar a administração portuguesa em Macau é observar um conjunto de feitos e relacionamentos com o governo chinês, conjunto este nem sempre amistoso e até muitas vezes conflituoso, com contornos de cumplicidade, cedências e conflitos de interesse, pelo que todo esse período de tempo se não poderá considerar, de todo, como os “anos gloriosos” da presença portuguesa em Macau:

«O acordo expresso na Declaração Conjunta fechava um longo ciclo de relações entre Portugal e a China, marcadas por conflitos, ambiguidades, divergências, acordos, pactos, convenções, reconhecimentos tácitos, que, desde meados do Séc.

XVI, tiveram Macau como motivo.» (S. Santos/Conceição Gomes, 1998, p. 21)⁶

Considerado território chinês ocupado pelos portugueses, a China sempre teve um papel determinante nos aspetos governativos e no modo de vida dos macaenses e de todos os que viviam em Macau. Esta situação foi caracterizada como «a questão de Macau»:

«Contudo, da leitura de várias fontes, poderíamos caracterizar sucintamente a presença portuguesa do seguinte modo: existiu sempre uma «questão de Macau»; a soberania portuguesa nunca foi plenamente exercida no Território, impondo a China sempre restrições ao seu pleno exercício; a China sempre interferiu internamente em Macau; as relações entre Portugal e a China caracterizam-se, em geral, pelo seu pragmatismo político.» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 25)

⁶ "MACAU: O Pequeníssimo Dragão", Boaventura de Sousa Santos/Conceição Gomes, Edições Afrontamento, 1ª Edição, abril/1998, p. 21.

Não obstante a presença portuguesa não ser sempre tolerada, foi sempre consentida, em parte devido aos interesses económicos e financeiros da China e dos mandarins, e em parte devido à prestação portuguesa no combate e controle das atividades dos piratas que assolavam a região:

«...conversão de um posto mercantil temporário em estabelecimento permanente, através do suborno aos mandarins; desembarque para secar mercadorias, acabando por aí construírem casas; reconhecimento imperial pelo auxílio no combate aos piratas que destruíam o comércio e a navegação na costa chinesa; conquista.» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 26)

Embora não haja consenso entre os historiadores chineses sobre esta questão, foi sustentada a tese da ocupação entre os portugueses, com consentimento da parte dos chineses, aliás expresso no preâmbulo da Lei Básica da Região Administrativa Especial de Macau (LBRAEM):

« Macau, que abrange a península de Macau e as ilhas da Taipa e de Coloane, tem sido parte do território da China desde os tempos mais remotos. A partir de meados do século XVI, foi gradualmente ocupado por Portugal.» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 26)

O consentimento por parte da China criou, nesse contexto, o estabelecimento de relações regulares com a China, cujos critérios potenciaram o pragmatismo político recíproco na parceria entre Portugal e a China, o que, por sua vez, favoreceu o estabelecimento de contatos, e do intercâmbio cultural e comercial que ainda hoje vigora através do sistema político «um país, dois sistemas». Em termos da presença portuguesa em Macau, será esse o melhor papel que o passado, como legado, para ter no futuro de Macau, alicerçado na história comum vivida e prosseguida nas atuais relações cordiais mantidas e ratificadas em 20 de dezembro de 1999 (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 65).

Pode considerar-se, assim, que a “glória”, nos anos da presença portuguesa em Macau, sobretudo, consistiu no sucesso económico e financeiro entre os anos 1540-1639, em que Portugal assegurava a rota comercial entre Goa-Malaca-China-Macau-Japão-Lisboa, com especial incidência no comércio com o Japão através de Macau, sendo os portugueses intermediários privilegiados nas trocas comerciais entre a China e o Japão, através de navegação como a da “Nau do Trato” (navio de grande calado para a época, que

transportava bens entre Macau e o Japão, e que proporcionou grande prosperidade económica aos portugueses (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 49).

Nessa “glória” cabem igualmente méritos aos governadores portugueses e a alguns missionários, assim como ao Leal Senado (muitas vezes anuindo com posições contrárias ao governo central chinês), na continuidade das relações diplomáticas dos portugueses com a China. Tal ocorreu apesar de todos os constrangimentos e dificuldades por vezes criados, pelas autoridades chinesas, nomeadamente e já no fim da administração portuguesa em Macau, as reformas políticas impostas pelo governo comunista da China, contrárias ao sistema político português em vigor até abril de 1974:

«... a Agência Nova China escrevia: «Os residentes chineses de Macau mostram-se determinados a continuar a manter bem erguida a grande bandeira rubra do pensamento invencível de Mao Zedong e a apertar cada vez mais o laço que o imperialismo português colocou à volta do seu pescoço». (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 49, nota de rodapé)

Em vez de assumir uma posição clara, após 1949, relativamente ao apoio a dar à RPC ou ao governo nacionalista chinês radicado em Taiwan, Portugal preferiu uma abordagem mais cautelosa relativamente à questão, posição essa fortemente criticada, sobretudo pela comunidade internacional liderada pelos E.U.A., e pela ONU. Não admira, pois, que, ainda na vigência do Estado Novo (S. Santos/Conceição Gomes, 1998, pp. 44 e seg.) essa visão cautelosa pelo português fosse vista internacionalmente como desinteresse por parte de Portugal. Mais tarde, já depois do 25 de Abril de 1974, o próprio governo central de Lisboa, foi ao ponto de chegar a mostrar desinteresse por Macau (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 58, nota de rodapé)

2. Administração portuguesa

Não existe um consenso sobre o estabelecimento dos portugueses em Macau, no entanto, o ano mais provável admitido é o de 1557. No Séc. XVI já eram realizadas transações comerciais em Macau (S. Santos/C. Gomes, 1998, pp. 25/26). Como se viu já, a administração portuguesa em Macau nem sempre foi pacífica nem plena de sucesso. O governo chinês sempre interferiu na governação do território, e mudou ou influenciou os procedimentos governativos em Macau, com grandes custos e complicações para o governo português, nos seus processos legislativo, jurídico e social. A administração

portuguesa em Macau torna-se, nesse contexto, uma administração mais focada na organização e administração do espaço que lhe era concedido e do comércio em Macau, do que propriamente na soberania (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 27).

Definida esta posição histórica quanto à soberania, a presença portuguesa em Macau, no que respeita à sua administração, conheceu cinco períodos distintos desde a chegada dos portugueses até à devolução do território à China, assim distribuídos (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 28):

Primeiro período - Divisão assumida e consentida da soberania (desde o estabelecimento dos portugueses em Macau até meados do Séc. XIX)

O poder português faz-se representar por um órgão local: o Senado. Essa representação figura até finais do Séc. XVII. O primeiro governador de Macau inicia o exercício de funções em 1623, mas tem um poder muito limitado (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 29). A função principal do Senado era a de intermediário entre Portugal e a China, mas muitas vezes assumindo um papel de subserviência, cedendo e obedecendo às pressões e imposições da China. Esta posição de subserviência do Senado foi alvo de duras críticas por parte do poder central português, que considerava a subserviência do Senado ao poder chinês «uma política de humilhações servis» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 29). Tal levou a que, nas Providências Régias de 1783, os poderes do governador fossem reforçados, passando estes daí em diante, a ter intervenção em todos os assuntos da governação e a ter o direito de veto sobre as decisões do Senado. Este procedimento determinou novos conflitos entre o governo chinês e o governo régio português, assumindo o lado português a legitimidade da sua governação na «cessão» concedida pelo imperador Jiajing (dinastia Ming), através da “Chapa de Ouro” (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 29), como forma de agradecimento dos serviços prestados pelos portugueses na expulsão dos piratas de Macau e da costa fluvial do Rio das Pérolas. Posição diferente tinha o governo imperial chinês, que considerava que Portugal tinha conquistado Macau e aí estabelecera uma colónia ilegal com imposição de direitos sobre o território, e como tal:

«Face ao estatuto de Macau, a China sempre exprimiu uma posição oposta. Para a China, Macau era território chinês ocupado pelos Portugueses, cuja ocupação tolerava, a favor do comércio. Neste contexto, a China ia desenvolvendo uma posição de alguma ambiguidade: consentia a ocupação portuguesa mas não a reconhecia expressamente. Pelo contrário, não deixava de intervir no interior do Território, numa clara afirmação da sua soberania sobre Macau» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 30)

No sentido de reforçar estes poderes sobre Macau, o governo chinês impõe o tributo “Foro do Chão” e cria a “Alfândega Chinesa” (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 32). Apesar desta pressão por parte da China, o governo português reforça a sua posição de poder e, após a implementação das “*Providências Régias*”, a Constituição de 1822, a Carta Constitucional de 1826 e a Constituição de 1838 definem Macau como: “*Parte integrante do território português, sujeito à soberania de Portugal.*” (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 32). Reforçados os poderes de Portugal relativamente ao seu poder governativo, o governo chinês estabelece, no artigo 1º do Decreto de 20 de Novembro de 1845, os portos de Macau como portos francos abertos a todas as nações. É nesta conjuntura que o governador Ferreira do Amaral procura reforçar ainda mais o poder governativo português em Macau entre 1846 e 1849 (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 33).

Segundo período – Afirmação da soberania (de 1846 a 1949)

Durante os três anos de vigência do mandato de Ferreira do Amaral, este procurou aplicar uma estratégia de confronto contra a presença do poder chinês em Macau, posicionando-se conflituosamente contra o Senado, que era contrário a esta posição do governador, que provocava igualmente a reação desaprovadora por parte dos mandarins e da população chinesa de Macau, o que teve consequências desastrosas, com o assassinato de Ferreira do Amaral, em 1849. No decurso do seu curto mandato, e aproveitando o enfraquecimento político, económico e social da China, Ferreira do Amaral tornou-se o primeiro governador a assumir o governo pleno de Macau, com aspetos verdadeiramente colonizadores (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 34).

Para o governo português, o que era importante era o reconhecimento formal, por parte da China, da soberania portuguesa sobre Macau, reconhecimento fundamentado na coexistência com posse continuada e pacífica (S. Santos/C. Gomes, 1998, p.35). Tal reconhecimento é realizado em parte pelo “Tratado de Pequim”, com o compromisso por parte de Portugal de não alienar Macau sem o prévio acordo da China (Art.º 3º), e de cooperar com ela no comércio do ópio. No entanto, o reconhecimento da soberania portuguesa em Macau não ficou esclarecido (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 26, rodapé)

Com a II Guerra Mundial, o fim da guerra com o Japão e a proclamação da República da China, os movimentos nacionalistas voltam a reivindicar a restituição de Macau à China, facto que tornava a preocupar o governo português. Em 1946, o historiador Silva Rego, foi encarregado pelo governo português de elaborar uma curta história da aquisição de Macau em português e em inglês, projeto que se revelaria infrutífero por falta de eficácia da argumentação histórico-jurídica portuguesa (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 38)

Terceiro período – Divisão conflitual da soberania (de 1949 a 1974)

Com a vitória da Revolução Chinesa, o Partido Comunista Chinês ascende ao poder em 1 de outubro de 1949 e proclama o governo da República Popular da China. Entretanto, o governo nacionalista deposto transfere-se para a ilha de Taiwan e estabelece aí o seu governo como República da China, ainda legítima para os governos ocidentais e a ONU. Portugal encontra-se, assim, entre dois poderes que reclamam simultaneamente a governação sobre a China. Por um lado, sofria a pressão da China comunista, de que a população dos chineses de Macau era maioritariamente simpatizante, que não via com bons olhos o governo português, que considerava Portugal um país colonizador e subjugador dos povos africanos, mas cuja força era ameaçadoramente superior, ao mesmo tempo que procurava o reconhecimento internacional junto dos EUA. e principalmente da ONU, de que Portugal era membro desde 1946. Por outro lado, os EUA e a ONU davam preferência à China nacionalista, considerada, pelos países ocidentais, ainda legitimamente no governo, onde a influência dos EUA, era muito acentuada. Portugal estava, assim, numa posição débil perante a ONU, sobretudo devido à sua classificação

como país colonizador e opressor dos países africanos (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 41, rodapé)

Alinhando com o bloco ocidental, Portugal não reconheceu a legitimidade do governo de Pequim para exercer a governação, apesar do voto favorável da Grã-Bretanha a favor de Pequim. Perante esta decisão, o governo de Lisboa temeu a ocupação pela força por parte da China de Mao Zedong, especialmente pela incapacidade de uma defesa eficaz do território, no plano militar, quer ao nível do abastecimento de bens de primeira necessidade e de mercadorias para a manutenção do comércio de Macau. Apesar desse receio da ocupação de Macau pelo governo de Pequim, os chineses não manifestaram uma intenção clara e séria de dar esse passo (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 42).

Uma das explicações para este facto, seria a conveniência de Macau ser um importante centro de contrabando de material de guerra para a China, pois a importação deste material proibido, pelo embargo das Nações Unidas (S. Santos/C. Gomes, 1998, p.43). Não obstante esta tolerância por parte dos chineses, a ameaça sempre latente de conflitos com os chineses preocupava os portugueses, a quem os chineses não viam com «bons olhos» (S. Santos/C. Gomes, 1998, pp. 46/47).

Quarto período – Renegociação da divisão da soberania (de 1974 até 1987)

Com a queda do Estado Novo em Portugal, em 1974, a Revolução de Abril proporcionou, desde logo, uma maior aproximação entre os governos de Lisboa e Pequim, e maior abertura para a via negocial sobre a «questão de Macau», nos moldes que a RPC defendia. Com o fim da Guerra Colonial e o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação, Portugal era visto agora como um país democrático e não colonialista. Entretanto, a entrega dos territórios ocupados, especialmente em África, aos seus povos tradicionalmente legítimos, enquanto países com especificidades secularmente étnicas, não contemplava Timor nem Macau. Todavia, o regime de Pequim encontrava-se em sintonia com o governo português em relação a Macau, reconhecendo os governos a singularidade do estatuto do território:

«O novo regime, em sintonia com Pequim, reconhecia no contexto político da descolonização a singularidade do estatuto de Macau: sendo uma colónia, era-o

em território da China, onde consequentemente deveria ser reintegrado. É neste novo quadro político que a diplomacia portuguesa irá abordar com a RPC a questão da soberania portuguesa sobre Macau.» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 52)

Para esta posição favorável por parte da China, contribuíram dois fatores: o reconhecimento de Taiwan, por parte de Portugal, como parte integrante da China, e a anuência a um acordo para resolver a «questão de Macau» com a concordância dos dois países (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 52). Pelo lado chinês, a posição do governo mantinha-se inalterada (S. Santos/C. Gomes, 1998, pp. 52/53).

Entretanto, o governo português fornecia novos dados para o desenvolvimento da questão, e em 1976, pelo Estatuto Orgânico de Macau, de 17 de Fevereiro, concedia ao território amplos poderes de autonomia. Finalmente, na Constituição de 1976, Portugal reconhece que Macau não é território português. Ainda em 1975, Portugal procurou nova e decisiva aproximação à China, tendo restabelecido as relações diplomáticas com esse país, através do “Acordo de Paris”. No quadro das negociações relativas a Macau, ambos os países reconhecem pela primeira vez que Macau é um território chinês sob administração portuguesa (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 53).

Apesar deste acordo bilateral, curiosamente em Macau, em 1979, segundo um relato do general Melo Egídio, governador de Macau na altura, a população ficou algo receosa e desconfiada da aproximação dos portugueses aos comunistas chineses. Por outro lado, quando da visita a Pequim de Melo Egídio, ao abordar este a «questão de Macau» com o Presidente chinês, Deng Xiaoping, este nada referiu quanto ao futuro de Macau e não mencionou qualquer data para a transição de Macau para a China. As reformas entretanto introduzidas por Deng Xiaoping viriam influenciar ainda mais a posição da China em relação a Macau e Hong Kong. A postura de Xiaoping relativamente à produção de riqueza, que considerava «gloriosa», permitiu o desenvolvimento económico chinês e a criação de um novo sistema político para Macau e Hong Kong, baseado na ideia de “um país, dois sistemas”. Esta nova visão divergia significativamente da ideia chinesa tradicional:

«No quadro de uma reunificação pacífica e de continuidade, que mantivesse a estabilidade e o desenvolvimento económico daqueles territórios, a solução passava pelo desenvolvimento do princípio «um país, dois sistemas» enunciado

por Deng Xiaoping. Este princípio permitia a não aplicação nestes territórios do sistema socialista e o estabelecimento de regiões administrativas especiais da China com amplos poderes de autonomia.» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 55)

É nesta conjuntura que, finalmente, é acordada uma data para a devolução de Macau à China, 20 de Dezembro de 1999, e fica, assim, resolvida a «questão de Macau» (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 57)

No âmbito da Declaração Conjunta Luso-Chinesa, de 15 de Janeiro de 1988, ficou estabelecido, entre outros pontos, que, até à transferência de poderes, Portugal continuaria a exercer o poder em Macau, nomeadamente no que se refere ao seu desenvolvimento e harmonização dos sistemas económico, social, político e jurídico. Este pressuposto vingará antes e depois da transição do território (S. Santos/C. Gomes, 1998, p. 59)

Quinto período – Período de Transição (de 1988 até 1999)

A 20 de Dezembro de 1999, Portugal verá assim cair a última ocupação colonial da sua história. A presença portuguesa em Macau ficará todavia assegurada para a história das civilizações de forma insofismável, através dos acordos celebrados com a RPC. Para Portugal, é o término de uma «viagem» de 500 anos, mas para a China significa a retoma de um território ocupado: “...a recuperação dos filhos perdidos e do orgulho nacional” (Saraiva, 2004, p. 45). No entanto, se numa determinada ordem esta passagem foi amistosa e conciliadora, nem sempre se mostrou simples ou fácil, e muitas vezes a incerteza imperou nos assentimentos e nos acordos, incerteza essa que em muitos casos ainda subsiste relativamente a certos aspetos da vida social e quotidiana macaense (Saraiva, 2004, p. 45). Questões como o sistema de governo, o acesso ao Direito Internacional, os direitos humanos e a pena de morte, a título de exemplo e entre outras questões com igual relevo, têm sido matérias difíceis e sinuosas que requereram um trato muito subtil mas nem sempre vitorioso por parte da administração portuguesa, uma vez que “Portugal optou por uma política de não confrontação para garantir uma transferência suave. Contudo nem sempre é esta a melhor opção.” (Saraiva, 2004, p. 45). Em consequência disso, durante a administração portuguesa e após a entrega à RPC, os macaenses não tiveram e continuaram a não ter qualquer possibilidade de deter ou

participar no poder político do território. Tal facto é referido por Vitalino Canas como *“uma legitimidade histórica em vez de uma legitimidade democrática”* (Saraiva, 2004, p. 45). A posição do governo português para uma continuidade na governação da RAEM não permitiu, no entanto, a autodeterminação do povo macaense quanto ao rumo da governação exercida pelas autoridades.

Considerando a governação por parte da LBRAEM, torna-se legítimo questionar que acesso tem Macau ao Direito Internacional. Durante a administração portuguesa, Macau detinha alguma subjetividade internacional (qualidade de sujeito), ainda que limitada e, nessa condição, já participava em algumas convenções e organizações (Saraiva, 2004, p. 53). Entretanto, a Declaração Conjunta e a LBRAEM confirmam essa subjetividade limitada de Macau *“... por não ser um Estado soberano mas parte integrante da China subordinada às autoridades de Pequim.”* (Saraiva, 2004, p. 54). Todavia, à semelhança dos antigos estatutos da governação portugueses, Macau *“...poderá estabelecer relações económicas de benefício mútuo com Portugal e outros países” e “com a denominação “Macau, China”, (...) poderá manter e desenvolver, por si própria, relações económicas e culturais e nesse âmbito celebrar acordos com os países, regiões e organizações internacionais interessados.”* (Saraiva, 2004, p. 54). Macau tem desta forma subjetividade internacional limitada a áreas específicas *“...definindo-se uma dimensão externa no seio da sua autonomia.”* (Saraiva, 2004, p. 54)

A questão do direito internacional tem relevância para a divulgação do encontro da “cultura” portuguesa e chinesa – enquanto legado de uma nação colonizadora, e presença de outra a que Macau finalmente retorna – através de museus, exposições ou quaisquer outras formas de divulgação. É nessa vertente que o direito internacional poderá dar configuração mais sólida a capacidades de diálogo e comunicação mais produtivas para uma relação saudável ao nível das políticas externas entre os dois países. A questão dos direitos, liberdades e garantias, e a questão da pena de morte, foram, como seria de esperar, assuntos que geraram alguma controvérsia, temendo-se que:

“...a referência à protecção dos direitos e liberdades na Declaração Conjunta não seja suficientemente precisa para os garantir totalmente depois de 20 de Dezembro de 1999, deficiência que poderá ser aproveitada pela China que tem um entendimento não universalista dos direitos humanos” (...) *“Contudo, alguns*

direitos contidos nos principais códigos de Macau parecem à partida assegurados, visto que as leis vigentes manter-se-ão basicamente inalteradas. (...) A Lei Básica contém uma lista de direitos fundamentais previstos no seu capítulo III, do artigo 24º ao artigo 44º, mas não tão extensa e pormenorizada quanto a portuguesa, não incluindo, nomeadamente, o direito à vida.” (Saraiva, 2004, p. 67)

Assim, a questão dos direitos, liberdades e garantias, e a questão da pena de morte dependerão muito da boa vontade da RPC em respeitar os acordos internacionais sobre esta matéria (Saraiva, 2004, p. 70)

Em jeito de conclusão, é deveras pertinente e de validade intemporal a afirmação de Luís Filipe Barreto:

“Macau é um laboratório histórico-cultural das relações internacionais. Uma cidade autónoma asiática de matriz portuguesa com uma condição única devido à sua temporalidade, à sua duplicidade de estatuto externo mas não colonial e ao seu regime de encontro e cruzamento de diferenças Ocidente-Oriente.” (Saraiva, 2004, p. 80)

Se Macau regressou às suas origens e à nação materna, é inegável que Portugal foi o “pai adotivo” que lhe desvendou uma nova visão e uma nova missão para ser e estar no mundo.

Neste contexto, será interessante saber o que pensam os portugueses que estiveram e governaram em Macau. Procurou-se, assim, conhecer a visão do primeiro governador português de Macau após a Revolução de 25 Abril, General Garcia Leandro (1974-1979), bem como do último governador antes da transição, General Rocha Vieira (1991-1999), pois, como igualmente refere Luis Filipe Barreto,

“Poder observar, questionar, entrevistar aqueles que produziram relevantes acções humanas, historicamente situadas e constituídas, é para o investigador um tesouro documental, um acesso a provas que regra geral não possui devido ao distanciamento temporal ou a qualquer outra razão.” (Barreto, 2010, p. 7)⁷

⁷ "RUMOS DE MACAU E DAS RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA (1974-1999), Actas do Seminário", Luis Filipe Barreto (ed.), CCCM, 1ª ed., 2010, p. 7

No seu depoimento, o General Garcia Leandro (Leandro, 2010, pp. 19 a 43)⁸ começa por referir que a presença portuguesa no Oriente tem de seguir dois critérios distintos: a relação de Portugal com a R.P.C., e a presença portuguesa em Macau. Macau teve uma vida própria que não pode ser confundida com as relações diplomáticas que Portugal mantinha com a China. Era assim necessário criar em Macau condições de estabilidade e desenvolvimento numa época muito instável devido a vários fatores: em Portugal, o golpe de estado de 1974 trouxe instabilidade, com consequências negativas para as políticas ultramarinas e sobre o futuro das mesmas, nomeadamente em Macau, que tinha uma dependência político-administrativa relativamente a Portugal; uma dependência político-económica relativamente à China; e uma dependência económico-financeira relativamente a Hong-Kong (com a moeda Pataca desvalorizada em 19% relativamente ao HK dólar), o que despoletou uma grave crise financeira em Macau. Hong-Kong teve também uma influência muito acentuada sobre a “Questão de Macau”, pois tinha interesses em Macau. A par desta situação, vivia-se uma grave crise internacional: a morte de três dirigentes chineses (Mao Ze Dong, Zhou Enlai e o Marechal Zhu De), que originou um período muito conturbado até à chegada ao poder de Deng Xiaoping. Em Portugal vivia-se o período da descolonização e as guerras do Vietname e do Camboja chegavam ao fim, mas Macau enfrentava ainda as suas consequências com os “*boat people*” de refugiados que chegavam a Macau e a Hong-Kong. Entretanto, Timor entrava em crise com a guerra civil e a Indonésia invade Timor em 1975. Tornou-se necessário dotar Macau de um sistema de autonomia legislativa, administrativa, económica e financeira que não se enquadrava no sistema legislativo português, impondo-se, assim, dotar Macau de um novo Estatuto Orgânico, limitado somente pela Constituição da República. Tudo isto teve consequências para Macau, que viveu um período muito conturbado antes de se alcançar a tão almejada estabilidade e desenvolvimento económico que abriu caminho às novas infraestruturas planeadas para o território até à reforma do Estatuto Orgânico, substituído pela Lei Básica da RAEM, que, no entanto, adotou muitos dos preceitos daquele.

⁸ "RUMOS DE MACAU E DAS RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA (1974-1999), Actas do Seminário"

Para o General Vasco Rocha Vieira (Vieira; 2010, p. 129 a 169)⁹ era necessário e urgente dotar Macau da maior autonomia possível, para assegurar um processo de continuidade e de sustentabilidade tendo em vista o futuro. Por outras palavras, era necessário passar das palavras aos atos, sobretudo em relação ao que fora estabelecido na Declaração Conjunta Luso-Chinesa sobre a Questão de Macau, sobretudo para prevenir uma eventual agregação do território à região de Zhuai, aproveitando a abertura que o governo chinês manifestava para criar uma Região Administrativa Especial de Macau. Entretanto, duas sensibilidades faziam-se sentir relativamente a Macau: iniciar o processo de desinvestimento no território, por forma a aproveitar ao máximo os benefícios que se pudessem tirar até à entrega de Macau à China, e desligar-se Portugal depois, completamente, de quaisquer funções e informalidades. A outra sensibilidade, a que foi adotada, aconselhar que Portugal, investisse em Macau, que criasse condições de relacionamento futuro, com base na construção de infraestruturas que potenciassem esse futuro relacionamento. 1999 não seria um marco de rutura nas relações de Portugal com Macau e a China, e por isso impunha-se criar as condições ideais de sustentabilidade e viabilidade para uma continuidade na futura RAEM. Quanto à China, apresentava duas grandes preocupações relativamente ao processo de transição: a primeira era a questão das «três localizações» (língua, leis e quadros). A segunda tinha a ver com as reservas financeiras, com características iguais às de Hong-Kong. No entanto, esta era uma questão que não podia ser igual à da antiga colónia britânica, porque Macau não era igual a Hong-Kong, pelo que Portugal não poderia dar a mesma resposta que Hong-Kong à questão das reservas financeiras. Por outro lado, qualquer acordo ou decisão a aplicar relativamente a Macau deveria estar conforme com os compromissos da Declaração Conjunta, e qualquer acordo posterior a 1999 deveria ser celebrado com a China. Nessa ótica, era conveniente que todos os acordos sobre Macau vigorassem pelo período acordado de 50 anos após a transferência do território para a China. Esta realidade era igualmente diferente da realidade da transição de Hong-Kong, pelo que os dois processos de transição eram realidades completamente diferentes. Aliás, a postura de Hong-Kong relativamente a Macau fora e continuava a ser dominante economicamente, uma vez que a entrada e saída de Macau, na maior parte das vezes era feita, e ainda hoje o é, por Hong-Kong. No

⁹ "RUMOS DE MACAU E DAS RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA (1974-1999), Actas do Seminário"

entanto, as relações da China com Hong-Kong sempre foram conflituosas e cheias de «rasteiras» nas negociações, enquanto com Portugal as negociações sempre foram amistosas, e decorreram num clima de respeito e lealdade, em que a China permitiu sempre que Portugal defendesse os seus interesses nacionais. Assim, mesmo quando existiam divergências de opinião, era encontrada uma solução que servisse ambas as partes, num clima de diálogo e disponibilidade para ultrapassar obstáculos. Um bom exemplo disso foi a questão da proibição da pena de morte em Macau, em que o governo chinês assentiu no seu fim, embora na China a mesma ainda estivesse em vigor. Outro aspeto importante para a economia macaense, e que o governo de Rocha Vieira conseguiu manter, foi a emissão de moeda, a Pataca, que continuou a ser produzida pelo Banco Nacional Ultramarino durante os quinze anos que se seguiram à transição do território macaense, o que se prolongaria para além do período de vigência estabelecido. Outra questão resolvida foi a dos funcionários públicos, a dar seus direitos e regalias em termos de pensões e reformas, e também do seu direito ao trabalho. Foram negociações difíceis não só com o governo chinês, mas também com o governo de Lisboa, para assegurar a transferência de quadros a integrar nos respetivos serviços portugueses e na Caixa Geral de Aposentações.

Em conclusão, nas matérias que o General Rocha Vieira considerava serem importantes na transição de Macau para a China, ficaram resolvidas as respeitantes à autonomia do território, à sua estrutura económica, identidade e singularidade; à defesa dos interesses portugueses, inserida na perspetiva de que essa defesa é importante para a identidade e especificidade de Macau. Noutra vertente, não menos relevante, Portugal deixou em Macau, como contributo da sua atuação governativa, o aeroporto internacional, a Universidade de Macau, e o Instituto Politécnico de Macau, três pólos importantes para a economia e para a educação macaenses. Na esfera da educação e da cultura, a criação dos Jogos da Lusofonia teve importância significativa, ocorrendo a sua primeira edição em Macau. Antes de sair da cena política, o governo orientou ainda as reformas do sistema jurídico, social e judicial a serem adotados pelo novo governo. Dentro desta linha, uma das preocupações essenciais relacionadas com a presença portuguesa no território, era a da preservação da língua portuguesa como língua oficial, a par da língua chinesa. A permanência da Igreja Católica no território era igualmente um fator essencial a acautelar

nas negociações. 90% do ensino em Macau era privado e desses, 50% era assegurado pela Igreja. Em suma, era necessário manter esses traços de singularidade dos macaenses, próprios e inalienáveis de um povo que, mesmo sem autodeterminação, por certo não querará perder a sua identidade, juntamente com as suas liberdades e garantias: *“Macau não é a soma de Portugal e da China, não é Portugal e China, é sim o produto de qualquer coisa que resultou da miscigenação de culturas, é uma identidade própria.”* (Rocha Vieira, 2010, p. 151)

3. Administração macaense (RAEM)

Como foi observado no subcapítulo anterior, a atual estrutura da administração chinesa da RAEM não diverge muito da anterior estrutura governamental portuguesa. Algumas diferenças existem, porém, na estrutura agora em vigor, em conformidade com o desenvolvimento que Macau tem tido nas últimas décadas. A atual «espinha» governamental é composta da seguinte forma:

PRINCIPAIS TITULARES DOS CARGOS PÚBLICOS¹⁰

Chefe do Executivo; Presidente da Assembleia Legislativa; Presidente do Tribunal de Última Instância; Secretária para a Administração e Justiça; Secretário para a Economia e Finanças; Secretário para a Segurança; Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura; Secretário para os Transportes e Obras Públicas; Comissário contra a Corrupção; Comissário da Auditoria; Comandante-Geral dos Serviços de Polícia Unitários; Diretor-geral dos Serviços de Alfândega; Procurador do Ministério Público.

CONSELHO EXECUTIVO

Secretária para a Administração e Justiça; Porta-voz e deputados.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

12 Deputados eleitos (por sufrágio indireto); 14 Deputados eleitos (por sufrágio direto); 7 Deputados nomeados (pelo Chefe do Executivo), totalizando 33 deputados ativos na Assembleia.

¹⁰ <http://yearbook.gcs.gov.mo/pt/officer>, acedido em 28/6/2017.

É interessante fazer uma abordagem ao desenvolvimento que o território tem conhecido, no sentido de verificar se o planeamento projetado para aquela região tem decorrido da aplicação dos acordos constantes da Declaração Conjunta.

No registo das práticas adotadas pela RAEM desde a entrega de Macau à RPC, sobressai o interesse que o governo de Macau manifesta na demonstração da transparência da sua governação – as edições de “Macau – Livro do Ano” são bem a prova disso, e do quanto se tem avançado nesse caminho.

“Macau – Livro do Ano”¹¹, é uma publicação da responsabilidade do governo da RAEM, através do respetivo Gabinete de Comunicação Social (GCS), que ilustra bem as ações governativas implementadas no território, e é talvez a publicação governamental que melhor ilustra tudo o que se tem feito e tudo o que o governo planeia realizar no futuro próximo, bem como as estratégias a aplicar. Efetivamente,

“O “Macau - Livro do Ano” tem vindo a ser publicado pelo Gabinete de Comunicação Social da RAEM desde 2002. Como registo sistematizado do desenvolvimento político-económico e sociocultural do território, a publicação tem disponibilizado ao longo das suas páginas dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.”

Das edições sucessivas deste anuário, respigamos as seguintes informações:

Segundo a declaração de prioridades da RAEM emitida pelo GCS de Macau, em 2016, o governo compromete-se a impulsionar a economia, promover o bem-estar da população e consolidar o desenvolvimento. Para tanto, o governo de Macau tem um plano ambicioso para o território: tornar Macau no maior centro de turismo e lazer do mundo. Tal feito poderá dar um grande impulso às atividades ligadas à cultura e à sua visibilidade.

Os compromissos assumidos pelo executivo contemplam, ainda, segundo a publicação do governo:

1. Melhoria constante da qualidade de vida da população;
2. Impulsioneamento da diversificação adequada da economia;
3. Construção de uma cidade com condições ideais de vida;
4. Aprofundamento da reforma da Administração Pública;

Concluindo:

¹¹ <http://yearbook.gcs.gov.mo/pt/>, acedido em 28/6/2017.

“Macau está a entrar numa fase importante de aceleração da construção do Centro Mundial de Turismo e Lazer, tendo como objectivo de longo prazo a edificação, até meados da década de 30 deste século, de uma cidade modernizada, com condições ideais de vida, de trabalho, de mobilidade, de entretenimento, para viajar e de recreação a nível internacional, e como objectivo de médio prazo a obtenção de resultados efectivos e graduais, com vista a proporcionar uma base sólida para concretizar o referido objectivo de longo prazo.” (<http://yearbook.gcs.gov.mo/pt/policy>)

Nesta ótica, que ações, atividades e realizações principais, constantes daquele anuário, foram promovidas pelo executivo visando o desenvolvimento de Macau, desde 2001?¹²:

- 2001: Liberalização do jogo impulsiona o desenvolvimento económico; Liberalização do mercado das telecomunicações; Tecnologias de informação ao serviço do público; Reforço da vertente educativa e formativa e criação de um centro incubador de novas tecnologias; Realização das primeiras eleições legislativas da RAEM; Reforço das relações diplomáticas entre Macau e a UE e com Portugal; Diminuição da taxa de desemprego; Desenvolvimento do turismo e atividades afetas; Reformas da administração pública; Investimento na educação com especial incidência no ensino superior; Reformas e investimento no sistema de saúde; Investimento na cultura e no desporto com o Festival de Artes e Festival Internacional de Música, e com a participação em eventos desportivos internacionais; Construção de infraestruturas.
- 2002: Economia, comércio e turismo em crescimento; crescimento das exportações; Maior desenvolvimento das relações externas; Estreitamento de relações e criação de protocolos de cooperação com Portugal; Maior investimento na formação profissional e fomento do turismo cultural; Reforço da cooperação jurídico-penal internacional e regional; Reforma judicial.
- 2006: Reforço das Relações externas baseado numa plataforma entre a China e os Países de Língua Portuguesa; Investimento estrangeiro e diversificação da indústria; Promoção de uma cidade de cultura e entretenimento; Reforço dos mecanismos para garantir a saúde da população.

¹² O anuário começou a ser publicado anualmente, a partir de 2002, incluindo a primeira edição os dados de 2001.

- 2010: Desenvolvimento sustentável com recurso à Conservação Energética e Proteção Ambiental; Consolidação da Força do Desenvolvimento Sustentável pela promoção da Ciência e Tecnologia, Desporto, Cultura e Ensino; Alteração à Lei da Imprensa com o objetivo de garantir a Liberdade de Imprensa.
- 2015: Definição das Áreas Marítimas e Clarificação das Delimitações Terrestres promovem o Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia; Elaboração do Plano de Desenvolvimento para os Próximos Cinco Anos e construção da Cidade Turística; Execução da Diretriz “Prosperidade de Macau através da Educação”, preservação do Património Cultural e Promoção das Indústrias Culturais; Assembleia Legislativa Aprova Várias Leis e Aumenta o Bem-Estar Social.

Na perspetiva da RAEM, o desenvolvimento económico, social e cultural tem sido uma constante em Macau. Esse desenvolvimento, aliado a uma melhoria das condições de vida de uma parte significativa da população legalmente residente, tem permitido uma procura cada vez maior por atividades culturais e lúdicas que o território oferece a um ritmo vertiginosamente crescente. O que se manifesta pela criação de eventos ligados às artes e à cultura, como concertos musicais, festividades, rotas turísticas, afluência aos museus, nomeadamente aos que exibem a presença portuguesa em Macau e eventos afins. Potencialmente, Macau pode, assim, representar, pelas suas «pegadas» culturais, a miscigenação de duas culturas: a portuguesa e a chinesa. Assim o queiram os governos de Lisboa e Pequim.

Capítulo II – Laços de cultura

1. Embaixada da República Popular da China na República Portuguesa

Através da Embaixada da República Popular da China em Portugal, e à semelhança do que ocorre noutros países da União Europeia, a RPC oferece um conjunto de oportunidades para os estudantes portugueses poderem estudar naquele país, de acordo com o “Programa Bilateral Nacional”. Este programa visa, durante o corrente ano de 2017, uma cooperação de ensino em cursos livres gerais e avançados, com candidaturas para solicitar bolsas de estudo através da Divisão de Coordenação do Ensino Português no Estrangeiro do Instituto Camões – Instituto da Cooperação da Língua, I.P. (Camões, IP), para se formarem nas 279

universidades chinesas, em áreas tão diversas como: Ciências, Engenharias, Agricultura, Medicina, Economia, Direito, Gestão, Educação, História, Literatura, Filosofia e Arte¹³.

2. República Popular da China

Os acordos estabelecidos entre Portugal e a RPC aquando da visita do Presidente Hu Jintao, em 09/11/2009, fortaleceram os laços de cooperação entre os dois países, nomeadamente nos domínios do Turismo, da Cultura, da Língua e da Educação, potenciando desta forma o relacionamento cultural e histórico que pode permitir ações que promovam parcerias no sentido de promover as relações históricas com a China, principalmente no que a Macau se refere¹⁴.

3. Turismo de Macau

Um dos aspetos mais importantes para o conhecimento de um território são as marcas físicas que dão a conhecer a história desse território. Nesse aspeto, os museus protagonizam um papel muito importante através das narrativas históricas que promovem e divulgam. No entanto, outras valências mostram-se igualmente importantes para o conhecimento de uma região e das influências culturais que nela confluem a chamada “pegada cultural”. Nestas valências incluem-se os símbolos religiosos, os signos linguísticos, as toponímias urbanas, as denominações das igrejas e capelas e os acontecimentos com elas relacionadas; os nomes dos edifícios ou de personalidades que, de alguma forma, conseguiram “libertar-se da lei da morte”, como dizia Camões, por se terem destacado no território e, finalmente, os nomes das ruas e lugares que podem suscitar um interesse no turista ou transeunte, seja pela localização geográfica ou pelo interesse cultural. A “pegada” cultural deixada pelos portugueses em Macau adequa-se a este fenómeno cultural e o Turismo de Macau explora eficientemente essa vertente.

A Direção dos Serviços de Turismo de Macau, no seu site¹⁵ e na sua publicação “O Turismo de Macau”, convida o visitante a conhecer os locais, a cultura e as manifestações de um crescendo cultural e turístico chinês, mas que não esquece as raízes e a presença lusitana naquelas paragens. É de notar que o governo da RAEM conservou os nomes portugueses dos edifícios, lojas e ruas, e instituiu nos seus transportes as informações locais e itinerários em chinês, português e inglês.

4. Instituições congéneres em Portugal:

No sentido de entender melhor as orientações e atividades que regem os diversos organismos com ligações especiais a Macau, selecionaram-se as instituições em que transparece uma ligação mais profunda a Macau do que à China. Esta procura assenta na necessidade de se dispor de dados sobre o que essas instituições têm produzido em relação

¹³ “Guia de solicitação das Bolsas do Governo Chinês para estudar na China (2017-18)”.

¹⁴ “Acordos assinados na visita do Presidente da República Popular da China, Hu Jin Tao”.

¹⁵ <http://pt.macaotourism.gov.mo/index.php>.

com Macau, sobretudo o que subsidiava culturalmente no que remanesceu da presença portuguesa naquele território.

Nesta ótica, foram abordadas cinco organizações: a Fundação Jorge Álvares; a Fundação Oriente; o Instituto Internacional de Macau; a Fundação Casa de Macau¹⁶ e a Casa de Macau. Foi elaborado um questionário sobre as suas atividades e sobre a visão que as norteia. Foram formuladas nove questões, a saber: Qual a Visão/Missão da instituição; Que atividades tem produzido para a promoção e divulgação de Macau; Se tem parcerias em atividades com organizações portuguesas e/ou macaenses para a divulgação de ações de dinamização sociocultural; Se algum apoio governamental para essas ações de dinamização; Se conhece o Museu de Macau e o CCCM; Se existe ou existiu alguma parceria da instituição com o Museu de Macau ou o CCCM, se, em caso negativo, mas havendo oportunidade, estabeleceria parcerias com o CCCM/MM; Se caso as conheça, considera adequadas as atividades do CCCM/MM, consideram as mesmas adequadas enquanto promotores da cultura macaense e da cultura chinesa.

As instituições responderam, em síntese, ao questionário que lhes foi submetido¹⁷:

a) Fundação Jorge Álvares (FJA):

A Fundação Jorge Álvares tem por objetivo a realização de atividades de natureza cultural, educativa, científica, artística e social, que promovam o diálogo intercultural e que, ao mesmo tempo, valorizem a presença portuguesa em Macau. Procura igualmente promover atividades e iniciativas que apoiem a diáspora macaense, e que contribuam para um melhor conhecimento sobre Macau, e a sua riqueza cultural. Nesse sentido tem desenvolvido laços com a Universidade de Macau e a Escola Portuguesa de Macau. A FJA já atribuiu vários prémios e tem apoiado a realização de colóquios internacionais e edições sobre temas relacionados com Macau e o desenvolvimento das relações entre a China e Portugal. Colabora estreitamente com o Centro Científico e Cultural de Macau, com várias instituições ligadas ao estudo da história e cultura orientais, como o Instituto do Oriente e o Centro Nacional de Cultura. Tem organizado os Encontros de Macau em Mafra com as várias comunidades macaenses e portuguesas envolvidas.

Todos os financiamentos e subsídios concedidos pela FJA provêm exclusivamente de uma criteriosa gestão do seu património inicial. A FJA não recebe quaisquer apoios do governo português. Tem mantido colaboração assídua com a RAEM na preservação da singularidade intercultural de Macau.

¹⁶ Foi enviado um questionário à Fundação Casa de Macau, mas esta não respondeu em tempo útil, pelo que é omissa neste trabalho.

¹⁷ Ver as respostas completas das instituições em Anexos e Apêndices.

A FJA mantém uma colaboração ativa com o CCCM e o respetivo Museu de Macau, através do apoio financeiro e atividades e da oferta de peças que muito têm valorizado o museu.

b) Fundação Oriente (FO):

De uma maneira geral, as respostas ao inquérito foram evasivas e forneceram escassa informação. Não ficámos a saber com que entidades celebram parcerias.

A FO conhece o MM/CCCM, mas não se sabe ao certo qual o grau desse conhecimento, ou se existe alguma complementaridade entre as atividades de ambas as instituições.

A FO tem igualmente um Museu de Macau. Haverá uma parceria entre a FO e o CCCM/MM, mas parece que nunca funcionou, não sendo apresentadas quaisquer razões que o justifiquem

Relativamente à questão sobre o mérito das atividades do CCCM/MM, a FO considera que o instituto tem feito um bom trabalho, mas nada mais acrescenta.

c) Instituto Internacional de Macau (IIM):

O Instituto Internacional de Macau, à semelhança da FJA, foi a instituição que apresentou as respostas mais completas. O IIM é uma organização da sociedade civil de Macau, criada em 1999, aquando da integração de Macau na R.P.C. Este instituto é composto, na sua origem, por 40 personalidades ligadas a Macau pelos mais diversos laços (familiares, profissionais ou culturais). O seu objetivo é divulgar e promover Macau na diáspora, com especial incidência nas áreas académicas e culturais. Ao longo de 17 anos de existência, o IIM tem realizado um vasto programa de atividades em Macau e no estrangeiro, sob a forma de seminários, conferências, exposições, cursos, concursos, intercâmbio académico, edições impressas e eventos, como por exemplo, o popular Festival Internacional de Música de Macau. O IIM tem sabido responder aos novos desafios, que se põem à sociedade macaense, agora como região especial da China, à sua vocação como ponte cultural e económica entre o Oriente e o Ocidente, a China e a Europa, sem esquecer o mundo lusófono. Com o apoio financeiro da RAEM, o IIM organizou duas grandes exposições comemorativas do 10º e 15º aniversário da RAEM, as quais foram exibidas em diversos países do mundo. O IIM também celebrou parcerias com entidades de Macau, e mantém uma colaboração especial com a FJA, a Fundação Casa de Macau e o CCCM. Nesse sentido, em particular com o CCCM, tem promovido seminários, exposições e lançamento de livros entre outras iniciativas. A colaboração entre o IIM e o CCCM é, assim, muito estreita e bem sucedida.

d) Casa de Macau (CM):

Os estatutos desta instituição caracterizam-na como uma associação sem fins lucrativos, cuja criação teve como objetivo promover laços de amizade e de solidariedade entre os membros da comunidade macaense de matriz cultural portuguesa, aprofundar a sua

ligação com as comunidades macaenses residentes em Macau e noutras partes do mundo e fomentar a divulgação da cultura macaense em Portugal.

A CM tem divulgado a cultura e as tradições macaenses, promovendo comemorações em épocas festivas, com destaque para a gastronomia tradicional macaense, através da realização de workshops. Organiza, também, palestras sobre temáticas macaenses e realiza cursos de mandarim de iniciação e avançados. Esta instituição afirma ter parcerias com algumas entidades, mas não as especifica. Entretanto sabe-se que, através da Fundação Casa de Macau (FCM), existem alguns acordos para descontos, aos seus associados, nos cursos e *workshops* que a FCM organiza.

Os apoios que a CM tem conseguido têm vindo de entidades macaenses, como é o caso de um pequeno subsídio do Conselho das Comunidades Macaenses, concedido pela Fundação Macau da RAEM.

A CM reconhece o CCCM/MM como instituto um promotor e divulgador da cultura macaense, e estaria interessada em estabelecer uma maior colaboração entre os dois organismos, designadamente através da celebração de uma parceria.

e. Conclusão:

A análise das respostas às questões submetidas às entidades inquiridas permite destacar três evidências:

Em primeiro lugar, todas as instituições reconhecem e avaliam positivamente o trabalho desenvolvido pelo Museu de Macau e pelo CCCM.

Em segundo lugar, as respostas permitem concluir que as inquiridas subsistem com mecenatos e donativos de entidades particulares e ONG's.

Uma terceira evidência é a de que a comunicação entre todas estas organizações é muito deficiente e escassa. Pensamos que esta situação deveria ser alterada, pois da colaboração acrescida e da complementaridade de atuação das organizações os principais beneficiários seriam sempre Macau e os macaenses, enquanto objetivo prioritário da maioria daquelas instituições.

PARTE II – INVESTIGAÇÃO E ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo III – Seis anos de cultura: O CCCM e o Museu de Macau entre 2010 e 2015

1. O CCCM (*Centro Científico e Cultural de Macau*):

O Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) está instalado num edifício, antigo palácio pertencente à Quinta Burnay (Séc. XIX), situado na Rua da Junqueira, 30, em Lisboa, tendo sido restaurado e adaptado para o efeito.

O CCCM foi criado no dia 28 de abril de 1995, tendo sido aprovada a sua estrutura orgânica pelo Dec. Lei 496/99, em 18 de novembro de 1999, como pessoa coletiva de direito público, tutelada pelo Ministro da Ciência e Tecnologia. Em 2012 foi dotado de uma nova estrutura orgânica (Diário da República, 1.ª série — N.º 20 — 27 de janeiro), tendo sido aprovados novos estatutos a 16 de maio, pela Portaria 146/2012. O CCCM passou a ser um centro de investigação científica, com formação contínua e avançada, alargando o âmbito da sua Missão, enquanto produtor e divulgador de informação altamente especializado sobre a cultura chinesa, e como elo de ligação e cooperação entre Portugal e a China, com um foco especial em Macau. O edifício compõe-se de cinco pisos com o museu, um auditório, cafetaria, uma sala polivalente e gabinetes de trabalho. O edifício fronteiro ao CCCM, alberga a Biblioteca do Centro, com mais de 600 títulos sobre o Oriente disponíveis para consulta.



Imagem 1 – Entrada e jardim do CCCM/Museu de Macau

a. O CCCM e o Museu de Macau

Os estatutos do CCCM contemplam uma estrutura de organização interna composta por duas unidades orgânicas: a Divisão de Documentação, Investigação e Cooperação Científica, e a Divisão de Museologia, Formação e Tecnologias Interativas. em que se integra o Museu de Macau.

Este encontra-se estrategicamente situado logo a seguir à porta de entrada do CCCM, envolvendo imediatamente o visitante num universo *sui generis*, secularmente pluricultural, mas que continua vivo e quer estar presente no futuro.

b. Objetivos estratégicos do CCCM:

Quadro 1 – Quadro de avaliação plano estratégico com valores para 2016

QUADRO DE AVALIAÇÃO E RESPONSABILIZAÇÃO 2016										
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA										
Organismo										
CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU, I.P.										
MISSÃO: O CCCM, I.P., tem por missão produzir, promover e divulgar conhecimento científico multidisciplinar, nas áreas das Ciências Sociais e Humanidades, acerca da China/Macau. Também, especializado e fundamentado conhecimento sobre as relações, internacionais e interculturais, de Portugal com Macau e a China bem como da Europa com a região Ásia-Pacífico. Missão a cumprir em rede, de escalas nacional e internacional, envolvendo investigadores e instituições da Eurásia e América.										
VISÃO: Ser um centro de referência, nacional e internacional, na investigação, formação, publicação, divulgação de conhecimento sobre as relações de Portugal/Europa com Macau, China, Ásia Oriental. Ser um parceiro privilegiado na cooperação com a República Popular da China e restantes estados e mundos académicos da Ásia Oriental e Ásia do Sueste.										
Objectivos Estratégicos (OE):										
OE 1 Fomentar a investigação científica, orientada e aplicada, nas áreas de conhecimento da sua Missão,										
OE 2 Desenvolver a cooperação e a formação contínua e especializada, nos planos nacional e internacional;										
OE 3 Desenvolver a publicação e a divulgação cultural melhorando a qualidade da formação e da informação acerca destas matérias junto das diferentes comunidades interessadas.										
Objectivos Operacionais (OP):										
EFICÁCIA										50%
O1. Aumentar o número de investigadores (próprios e articulados com o CCCM)										
INDICADORES	2014	2015	META 2016	Tolerância	Valor crítico	PESO	RESULTADO	TAXA REALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	
Ind 1. Número de Investigadores	35	47	35	1	38	50%				
O2. Diversificar a Formação e a Investigação do CCCM										25%
Ind 2. Número de diferentes tipos de actividades	14	14	14	1	20	50%				
Ind 3. Número de diferentes tipos de destinatários e parceiros	11	11	11	1	20	50%				
O3. Assegurar a Produção Interna										25%
Ind 4. Número de edições e exposições	17	17	12	1	20	33,3%				
Ind 5. Número de Encontros de Estratégia Científica	5	5	5	1	10	33,3%				
Ind 6. Número de Cursos, Conferências, Colóquio/Seminário	51	51	51	1	60	33,3%				
O4. Reforçar a Cooperação Nacional e Internacional, com redes e Instituições afins										25%
Ind 7. Número de Protocolos e Acções de Cooperação	16	16	16	1	20	100%				
EFICIÊNCIA										25%
O5. Modernizar os Sistemas de Iluminação										50%
Ind 8. Modernização dos sistemas de iluminação exterior e interior	N.A.	N.A.	1	0	1	50%				
O6. Melhorar a economia dos recursos afectos ao funcionamento ao público										50%
Ind 9. Taxa de receita cobrada	6,7%	6,7%	6,7%	0	8,5%	100%				
QUALIDADE										25%
O7. Garantir a qualidade, actualidade e fiabilidade dos serviços prestados										50%
Ind 10. Nível de satisfação dos utentes	4,6	4,7	4,7	0,2	5	50%				
Ind 11. Número de iniciativas desenvolvidas a partir de sugestões externas	5	5	5	1	10	50%				
O8. Garantir a qualificação dos Colaboradores										50%
Ind 12. Número de trabalhadores a frequentar cursos/acções de formação	5	4	4	0	6	50%				
Ind 13. Nível de satisfação dos colaboradores	4	4	4	1	5	50%				

Na sua página da internet¹⁸, o CCCM define, nestes termos, a sua Missão: “O CCCM, I.P. é uma unidade de investigação e de alta divulgação, do Ministério da Educação e Ciência, para a cooperação, científica e cultural, com a China.” O CCCM inclui, para além do museu, um centro de investigação, um instituto em rede interuniversitária, biblioteca, newsletters e diversas publicações próprias, ou editadas em regime de parceria. Adicionalmente, tem desenvolvido atividades, como palestras, conferências, exposições, cursos e workshops.

¹⁸ <http://www.cccm.pt/page.php?itemh=0&lang=>, acessido em 30/06/2017.

Do Quadro de Avaliação e Responsabilização do CCCM referente a 2016 (reproduzido acima), constam os seguintes objetivos estratégicos (OE) para esse ano:

OE1 - Fomentar a investigação científica, orientada e aplicada, nas áreas de conhecimento da sua Missão.

OE2 – Desenvolver a cooperação e a formação continua e especializada, no plano nacional e internacional.

OE3 – Desenvolver a publicação e a divulgação cultural melhorando a qualidade da formação e da informação acerca destas matérias junto das diferentes comunidades interessadas.

Verifica-se que se mantiveram, em geral, os valores de referência entre 2014 e 2016, com pequenas variações, podendo os públicos do museu estar contemplados no OE3, embora não sejam especificamente referidos (fala-se de “comunidades”).

c. Recursos humanos e financeiros do CCCM:

Quadro 2 – Quadro orçamento 2016 para o Min. Ciência Tecnologia

Recursos Humanos							
	Pontos	2015	2016 Planeado		2016 Executado		DESVIO
		efectivos	efectivos	pontuação	efectivos	pontuação	
Dirigentes - Direcção superior	20	1	1	20			
Dirigentes - Direcção intermédia e Chefes de equipa	16	3	1	16			
Técnico Superior	12	1	2	24			
Assistente Técnico	8	5	5	40			
Assistente Operacional	5	2	2	10			
Investigador		1	1				
Total		13	12	110	0	0	
Recursos Financeiros (Euros)							
DESIGNAÇÃO					Planeado	Executado	DESVIO
Orçamento de funcionamento					859 469		
Despesas c/ Pessoal					388 760		
Aquisições de Bens e Serviços					432 317		
Outras despesas correntes					6 000		
Despesas de capital					32 392		
PIDDAC							
Outros valores							
TOTAL (OF+PIDDAC+Outros)					859 469		

Ao orçamento do funcionamento (€ 819.469), acresce € 40.000 de receitas próprias, sem cativações.

A participação do governo no orçamento de funcionamento do CCCM envolve, no essencial, os encargos com as despesas de pessoal (388.760,00 €) e o apoio logístico. Os encargos resultantes da aquisição de bens e serviços previa-se elevarem-se a 432.317,00 €, em 2016.

O total de recursos financeiros disponíveis para esse ano elevava-se, assim, a 859.469,00 €.

d. Intercâmbio científico e cultural com entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras

O CCCM é uma instituição ligada a entidades formadoras, além de ele próprio desenvolver ações de formação e investigação. Para tanto, o CCCM sempre procurou celebrar parcerias com entidades ligadas ao ensino ou à formação, com vista à realização de estudos que, direta ou indiretamente, tenham a ver com a China/Macau. O intercâmbio científico e cultural realizado com entidades públicas e privadas, tem-se diversificado pelas seguintes áreas (extraído do site do CCCM):

Redes

A partir de 2007, o CCCM tem reforçado as redes interuniversitárias de investigação orientada e de formação especializada, através de múltiplos acordos bilaterais e de acordos multilaterais.

Acordos bilaterais

Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa; Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Escola Superior de Artes Decorativas; Imprensa da Universidade de Coimbra; Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa; Instituto Confúcio da Universidade do Minho; Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa; Universidade Aberta; Acordo de Depósito da Biblioteca “Francisco Gonçalves Pereira”; Instituto Politécnico de Macau; Centro Martino Martini.

Acordos multilaterais

European Association of Japanese Resource Specialists; Med Asia: Asian Centres of Southern Europe; REDIAO (Red Iberoamericana de Investigación en Estudios de Asia Oriental).

2. O Museu de Macau:

a) Constituição do acervo do museu e “itinerários” que o visitante pode explorar

O acervo do Museu de Macau, foi constituído em 1995, tendo o seu conteúdo, no que se refere a uma coleção de arte chinesa, sido adquirido a um macaense, António Sapage (historiador, colecionador e especialista em porcelanas da China¹⁹), possuidor de coleções de terracota e porcelanas chinesas. O museu acumula no seu espólio perto de quatro mil objetos, ordenados em várias categorias que englobam cerâmica, pintura, mobiliário, têxteis, documentos gráficos e cartas geográficas, numismática e joalharia.

¹⁹ <http://www.oclarim.com.mo/local/centro-cientifico-e-cultural-de-macau/>, acedido da internet em 25/08/2017.

Outro grande fornecedor de objetos e artefatos que compõem o espólio do museu tem sido a Fundação Jorge Álvares, através de um dos seus grandes patronos e fundador, o General Rocha Vieira. Outros contribuintes têm fornecido material museológico, sendo de destacar o governo da RAEM e o empresário Stanley Ho.

O Museu de Macau do CCCM é uma parte integrante desta instituição e propõe uma aliciante viagem, através do tempo e do espaço, pelo território de Macau, e não só. O seu espaço, cuidadosamente organizado, remete o visitante para um tempo de lendas, histórias e enredos que o guia e diretor pedagógico do museu, Dr. Énio de Souza, nos convida a acompanhar, cativando a nossa atenção (Imagem 2). O museu pretende ser, além disso, um laboratório de investigação histórica e cultural, com um formato didático, dividindo-se, assim, em 2 grandes partes²⁰:



Imagem 2 – Dr. Énio de Souza (à esquerda) apresentando o museu a um grupo de visitantes

Secção I – *“A Condição Histórico-Cultural de Macau, Secs. XVI e XVII”*: nesta parte, situada no piso térreo do CCCM, logo à entrada, apresentam-se resultados de investigação das relações entre Portugal e a China e sobre a história de Macau, como pólo de difusão e intercâmbio ecológico e tecnológico, merecem destaque, dentre os objetos exibidos, o livro de Marco Polo, uma carta de Fernão Mendes Pinto (1555), um planisfério anónimo (1502) com uma génese surpreendente (Imagem 3).

²⁰ Extraído do "GUIA DO MUSEU DE MACAU, Centro Científico e Cultural"



Imagem 3 – Planisfério da Ásia Oriental produzido por Sebastião Lopes (Sec. XVI)

Secção II – “*Uma Coleção de Arte Chinesa*”: nesta parte, situada no 1º piso da instituição, são exibidas peças que mostram Macau como centro difusor da civilização e arte chinesas para a Europa, através de objetos da economia e sociedade chinesas, como, por exemplo, uma coleção de moedas ou as cerâmicas e a porcelana policroma com a heráldica real portuguesa, ou os utensílios chineses para o consumo do ópio.



Imagem 4 – Porcelana brasonada com heráldica portuguesa

As novas tecnologias também estão presentes, com uma demonstração dramática projetada com hologramas de atores reais, reduzidos a uma escala imagética adequada à dimensão da maquete com corte seccionado da Nau do Trato, que assegurava o transporte de passageiros e

mercadorias entre Macau, Goa, Malaca, China e Japão. A apresentação reconstitui o episódio de um embarque, com base no diário de bordo do capitão da nau.

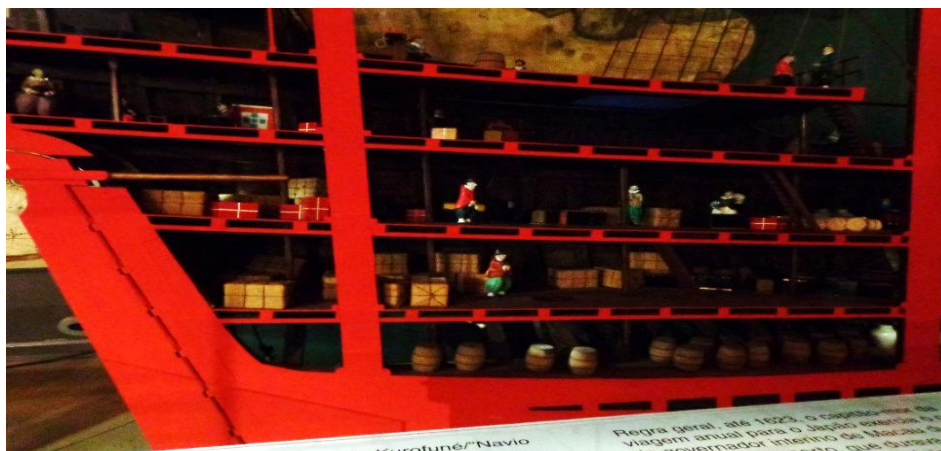


Imagem 5 – Pormenor da Nau do Trato

O MM/CCCM expõe, no seu conjunto, uma das maiores coleções nacionais sobre o Oriente que, neste acervo continua a ser aumentado com novas aquisições, graças ao apoio da Fundação Jorge Álvares, principal subsidiador da aquisição das obras que integram o espólio do museu.

b) Programas e atividades do Museu de Macau:

Importa desde logo referir que todas as ações e programas desenvolvidos pelo museu mantêm uma estreita relação com as atividades do CCCM, sendo na maioria das vezes complementares. Não se pode separar as atividades de ambos os organismos, pois estão intrinsecamente ligadas pelo que a sua complementaridade tem de estar sempre assegurada. Tanto assim é que a maioria dos eventos apresentados no CCCM começa ou termina com uma visita guiada ao MM/CCCM. O museu é a porta de entrada do CCCM, e o CCCM é tudo o que o que o museu representa. É como se olhássemos para uma determinada peça do museu e nela mergulhássemos para experimentar um mundo de sensações e descobertas vinculadas ao CCCM. Assim, quando olhamos para as peças de cerâmica exibidas no museu, as figuras de terracota, os bronzes ou as porcelanas, as peças ligadas ao consumo do ópio, os trajes típicos de uma época, ou as moedas chinesas expostas no 1º piso do museu, a nossa curiosidade quer “ver” o tempo e o lugar dos artefatos que o museu consagrou, mas o nosso imaginário não se contenta com a visualização, pretende mais conhecimento. É nesse sentido que as programações e atividades do Museu de Macau e do CCCM se completam para preencher o “vazio” que a nossa insatisfação, provocada pela contemplação das peças, exige seja preenchida por informação mais completa.

As atividades desenvolvidas pelo MM/CCCM entre 2010 e 2015 incluíram datas comemorativas de festividades tradicionais e outros acontecimentos de destaque em

Macau e na R.P. China; palestras, conferências, debates, apresentações de livros, visitas guiadas, exposições, mostras de arte, cinema e saraus musicais.

Para estas atividades, têm sido convidadas personalidades, portuguesas ou internacionais, que vêm mostrar e “demonstrar” a cultura, as artes, as ciências e as complexidades do mundo oriental. Neste âmbito, o MM/CCCM recebe visitas, por vezes repetidas, de entidades nacionais e estrangeiras, com muitas das quais tem celebrado parcerias²¹.

O Curso de Línguas e Cultura Chinesas desdobra-se em 2 cursos por ano letivo, de outubro a junho do ano seguinte.

c) Públicos-alvo do CCCM/MM:

A missão do museu é sobretudo do tipo educativo e cultural, estando a cargo do Serviço Educativo, cujo responsável é o Dr. Énio de Souza. Enquanto o CCCM explora uma vertente mais académica e investigacional, o museu dirige a sua ação para as visitas e relatos históricos, visando públicos menos restritos e, em geral, menos qualificados academicamente. Na caracterização das atividades do museu, inserida no site do CCCM, pode ler-se²²:

“As atividades desenvolvidas pelo Museu têm como objetivo a conceção e implementação de projetos museológicos conducentes à realização de exposições temporárias, organização de cursos livres, ciclos de conferências, mostras cinematográficas e bibliográficas, realização de atividades de carácter educativo. Fazem também parte das atividades do Museu o acolhimento e acompanhamento de eventos culturais propostos por entidades exteriores. O destinatário destas ações é principalmente o público adulto e infantojuvenil com diversas formações académicas e de todos os níveis etários.”

Capítulo IV – Inquérito estatístico

1. Objeto e organização metodológica do inquérito

a. Motivação inicial e complexificação

A motivação maior do nosso trabalho era a de perceber se, apesar do esforço que tem sido desenvolvido pelo museu para captar audiências, esse esforço tem ou não sido correspondido pelo público em geral, e, pelos públicos-alvo do museu e do CCCM. Procurou-se, assim, identificar e conhecer, em primeiro lugar, esses públicos; em segundo lugar, procurou-se conhecer as motivações desses públicos, que o museu deverá ter em conta e explorar, com vista a encontrar o número de visitantes e a fidelizá-los para as suas atividades e as atividades do CCCM, no seu

²¹ Ver a listagem de parcerias em Anexos e Apêndices

²² Texto relativo, no site do CCCM, ao Museu de Macau.

conjunto. Para tanto, reteve-se um conjunto de 10 hipóteses a serem empiricamente testadas através de um questionário a realizar pela internet e produzido pelo “Google Forms”²³.

b. Listagem das hipóteses a serem testadas sob a forma de perguntas

Hipótese 1 – A faixa etária é um fator importante: os indivíduos muito novos ou com idade muito avançada não têm interesse em visitar o Museu de Macau e em participar nas atividades do CCCM

Hipótese 2 – As habilitações académicas são um fator decisivo na afluência de públicos aos museus, nomeadamente o MM/CCCM

Hipótese 3 – As pessoas vão ao museu porque foram alvo de uma boa divulgação

Hipótese 4 – A oportunidade e disponibilidade levam as pessoas a frequentar o MM e o CCCM

Hipótese 5 – Os visitantes sentem que a informação ou a formação obtida no MM/CCCM lhes foi útil em termos de novos conhecimentos

Hipótese 6 – Os visitantes têm uma impressão positiva do museu e tencionam voltar

Hipótese 7 – Os visitantes também regressam ao museu porque querem aprender mais

Hipótese 8 – O Curso de Língua e Cultura Chinesas (CLCC), desperta interesse noutras atividades do MM e do CCCM

Hipótese 9 – Graças ao museu e ao CCCM, os públicos ficam a conhecer melhor Macau e a sua cultura

Hipótese 10 – Em que medida as pessoas consideram que o relacionamento entre Portugal e a China através de Macau é importante e deve ser mantido e desenvolvido

c. Composição da amostra

A população estudada constou de 95 indivíduos de ambos os sexos, distribuídos segundo três variáveis: género, faixa etária e habilitações académicas.

²³ Este inquérito está reproduzido na íntegra em “Apêndices e Anexos”, pp. 67 à 85

d. Outras ações relacionadas com o inquérito

Como ações complementares realizadas, refiram-se:

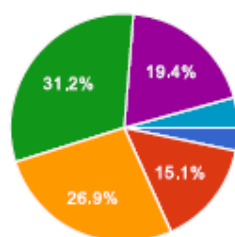
Questionários submetidos às seguintes entidades: a Fundação Jorge Álvares (FJA); Casa de Macau (CM); Fundação Oriente (FO); Instituto Internacional de Macau (IIM). Foram postas por email algumas questões à Prof. Dr.^a Yupin Chung, curadora do Museu de Arte Chinesa de Glasgow (The Burrell Collection), e investigadora na Universidade de Glasgow; foi realizada uma entrevista com o responsável pedagógico, guia e programador do Museu de Macau/CCCM, Dr. Énio de Souza. Foram mantidas conversas informais com o General Garcia Leandro (FJA), General Rocha Vieira (FJA), Dr. Jorge Rangel (IIM), Dr. Mário Matos (Diretor Executivo da FCM). Foram também consultadas as publicações anuais macaenses denominadas “Macau-Livro do Ano”, nas suas edições consecutivas de 2002 a 2016, para além de livros, publicações e artigos na internet. Foi submetido um inquérito aos alunos do CLCC, do 1º semestre do ano de 2016.

2. Análise dos dados recolhidos pelo inquérito e seu cotejo com as 10 hipóteses de partida

a. Hipótese 1 – A faixa etária é um fator importante: os indivíduos muito novos ou com idade muito avançada não têm interesse em visitar o Museu de Macau e em participar nas atividades do CCCM

Gráfico 1 – Estatística das faixas etárias

Qual é a sua idade?



15/24 anos de idade	3	3.2%
25/34 anos de idade	14	15.1%
35/44 anos de idade	25	26.9%
45/54 anos de idade	29	31.2%
55/64 anos de idade	18	19.4%
65 anos ou mais de idade	4	4.3%

Comentário: Da análise destes dados é possível extrair algumas ilações:

- i. A população que se revela claramente mais disponível para as iniciativas do museu é a que se insere na faixa etária agregada dos 35 aos 54 anos, com percentagem conjunta de 58,1%.

ii. Em segundo lugar, figura uma população composta pelos indivíduos de duas faixas etárias, a dos 25 aos 34 anos e a dos 55 aos 64 anos, com uma percentagem agregada de 34.5%.

iii. O “resto”, numa percentagem agregada de 7,5%, representa o montante das respostas somadas dos mais novos (15/24 anos de idade) e dos séniores mais idosos, acima dos 65 anos de idade.

Os dados do inquérito confirmam amplamente a hipótese testada.

Arriscamos formular algumas possíveis razões deste comportamento:

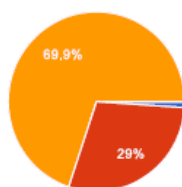
A maioria dos indivíduos mais novos, como os adolescentes, está ocupada com as atividades escolares, desportivas, lúdicas ou tecnológicas, ligando pouco a atividades culturais. Os indivíduos dos 20 aos 25 anos, estão demasiado ocupados com a sua formação superior ou com a carreira profissional, o que não lhes permite disponibilidade, nem um estilo de vida mais estável, preferindo uma vida mais ativa e intensa aos interesses e atividades culturais, relegando-as para segundo plano.

Por sua vez, os idosos acima dos 65 anos podem sentir maior apetência para atividades culturais, mas excetuando aqueles com cursos superiores, a restante população sénior encontra-se, em princípio, mais debilitada em termos de saúde, sendo-lhes mais difícil acompanhar as atividades culturais programadas devido ao esforço físico desgastante que lhes foi exigido durante a vida útil adulta, ou mesmo mais cedo. Os séniores com cursos académicos superiores exerceram funções mais exigentes a nível intelectual do que físico, pelo que podem apresentar maior apetência e disponibilidade para atividades culturais, agora que, na sua maioria até estarão já reformados.

b. Hipótese 2 – As habilitações académicas são um fator decisivo na afluência de públicos aos museus, nomeadamente o MM/CCCM

Gráfico 2 – Estatística das habilitações escolares

Qual é a sua formação académica?



Ensino Primário/Preparatório	1	1.1%
Ensino Secundário/Técnico	27	29%
Ensino universitário (licenciatura ou superior)	65	69,9%

Comentário: Uma vez que os inquiridos com formação superior são os que revelaram maior disponibilidade para responder ao inquérito, os dados recolhidos confirmam amplamente a hipótese testada.

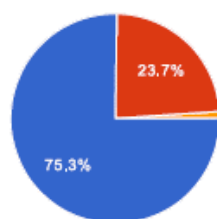
Arriscamos formular algumas possíveis razões deste comportamento:

A educação, enquanto atividade promotora da cultura, pode atrair um público que procure instruir-se e consequentemente, visita museus e participa em atividades culturais. A maioria das pessoas com menor formação académica sente maior inclinação para atividades lúdicas, mundanas, e menos para atividades teóricas. O universo em que viveram e vivem, assim os moldaram. Quando visitam um museu, fazem-no, geralmente, porque são conduzidas por alguém, ou por se tratar da alternativa lúdica mais acessível para passar o tempo, quando todas as outras se revelem indisponíveis ou inoportunas. Nessa ótica, as visitas são feitas sem interesse cultural. Por sua vez, as pessoas com mais habilitações académicas têm maior predisposição para frequentar os museus. O seu percurso académico predispõe-nas a interessarem-se pelas descobertas que o museu lhes oferece.

c. Hipótese 3 – As pessoas vão ao museu porque foram alvo de uma boa divulgação

Gráfico 3 – Estatística do conhecimento sobre o MM/CCCM

Conhece ou já ouviu falar do Museu de Macau ou do CCCM?



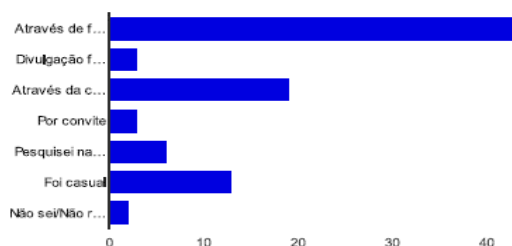
Sim	70	75,3%
Não	22	23,7%
Não sei/Não respondo	1	1,1%

Gráfico 4 – Estatística da divulgação do MM/CCCM

11/03/2017

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM) – Google Forms

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, como teve conhecimento sobre estas instituições?



Através de família, amigos, colegas, associações, instituições, etc.	43	61,4%
Divulgação feita pelo Museu de Macau/CCCM	3	4,3%
Através da comunicação social (rádio, televisão, imprensa)	19	27,1%
Por convite	3	4,3%
Pesquisei na internet	6	8,6%
Foi casual	13	18,6%
Não sei/Não respondo	2	2,9%

Comentário: 61,4% dos inquiridos afirmaram ter conhecido o MM/CCCM através de familiares, amigos e colegas, etc., o que remete para uma divulgação informal, conhecida em técnicas de marketing como WOM (Word Of Mouth), que conhecemos na gíria como “Passa-a-Palavra”.

Note-se que, em 1º lugar, estes dados não resultam, pelo menos diretamente, de ações concertadas do MM/CCCM, pelo que não se poderá falar, com rigor, de uma estratégia de “comunicação” programada pela instituição e visando a generalidade do público.

Nas respostas dos inquiridos figuram, em 2º lugar, os meios de comunicação social (27,1%), cabendo o 3º lugar à divulgação casual. A divulgação feita pela instituição foi, assim, modesta nos seus resultados e, curiosamente, o seu valor é igual ao da divulgação por convites (4,3%), que representa apenas, 3 respostas num universo de 95. Se se levar em conta que a instituição dispõe de *newsletters*, revistas, Facebook e outros meios de divulgação, conviria indagar qual a incidência efetiva dessa divulgação junto do universo de instituições e associações, a figurar, num eventual futuro inquérito, num item autónomo. Impõe-se, assim, por outro lado, que o MM/CCCM procure aumentar e melhorar o seu conhecimento dos seus públicos restritos e menos restritos, através de uma estratégia de comunicação que vise reduzir o peso do acaso e de outros fatores aleatórios e conjunturais. Nesta conformidade, os dados do inquérito só parcialmente confirmam a hipótese testada.

d. Hipótese 4 – A oportunidade e disponibilidade levam as pessoas a frequentar o MM e o CCCM

Gráfico 5 – Estatística das intenções de visita ao MM/CCCM

Se tivesse disponibilidade e oportunidade gostaria de visitar o Museu de Macau ou o CCCM?



Comentário: A maior divulgação do MM/CCCM junto dos inquiridos ocorreu através de um meio informal, o WOM (61,4%, Gráfico 5). Percentagem essa que é praticamente igual à dos inquiridos que gostariam de visitar o museu e o CCCM

(64,7%). Gostariam de visitar apenas o museu, 13,7% dos visitantes. No entanto, 19,6% não tem interesse em visitar nenhum dos dois. Tendo em conta estes números, 33,3% não tem interesse em visitar o CCCM (valor agregado, Gráfico 6). Nesta conformidade, esta última percentagem dos inquiridos representa o contingente prioritariamente a ser «conquistado» pela estratégia comunicacional da instituição. Contingente tanto mais interessante quanto representa a faixa etária que vai dos 35 anos aos 54 anos (ver respostas à hipótese 1).

e. Hipótese 5 – Os visitantes sentem que a informação ou a formação obtida no MM/CCCM lhes foi útil em termos de novos conhecimentos

Gráfico 6 – Estatística da utilidade da visita ao MM

Se já visitou o museu, gostou ou achou úteis os conhecimentos nele adquiridos?

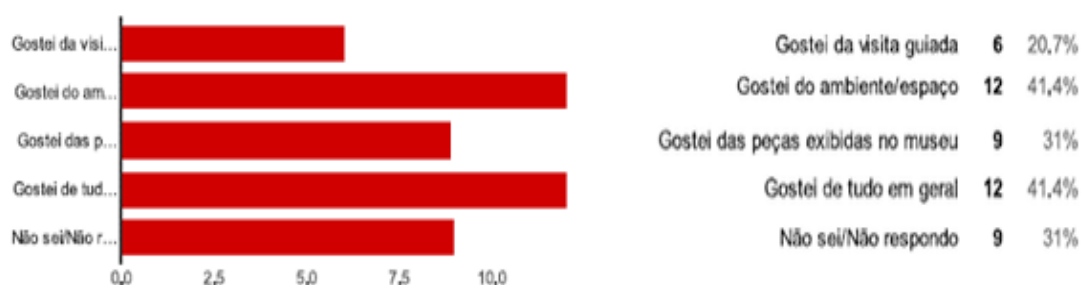


Comentário: Esta é uma questão que pode criar oportunidade e disponibilidade, se focalizada nos 65,1 % dos inquiridos que ainda não visitou o museu, e planeando estratégias para o museu conhecer de que modos os seus visitantes sentiram satisfação no seu enriquecimento cultural, e qual a natureza desse conhecimento. Desta forma poderão ser orientadas as ações e as visitas para o usufruto do público. A abordagem a diferentes matérias temáticas do museu, pode criar disponibilidade para os visitantes voltarem ao museu. Os 48,3 % dos inquiridos que se sentiram satisfeitos com o que aprenderam sobre Macau, contrasta com a totalidade dos restantes 55,1 % dos visitantes, e aqui é possível especular sobre a expectativa dos visitantes quando visitam o museu e o que esperam ver no museu. Mais uma vez se denota aqui que, se houver mais variedade de informação e se essa informação for mais relacionada com Macau, poderá criara mais oportunidades e disponibilidade de revisitações por parte do público.

f. Hipótese 6 – Os visitantes têm uma impressão positiva do museu e tencionam voltar

Gráfico 7 – Estatística da vertente lúdica da visita ao MM

O que lhe agradou mais na visita ao Museu de Macau?



Um museu é um espaço de cultura e aprendizagem, mas também deve ser um local agradável, tranquilo, onde as pessoas se sintam bem. E deve sê-lo, mesmo quando não se percorra as suas salas para ver as peças e ouvir o guia, se apenas se pretenda desfrutar do espaço, ou ler um livro enquanto se aguarda alguém ou alguma coisa.

Comentário: A percentagem dos inquiridos que gostaram do ambiente/espço (41,4%) e a dos que gostaram de tudo em geral (41,4%) figuram, com destaque, em primeiro lugar. Todavia, os inquiridos que deram preferência às peças expostas, vêm logo a seguir (31%). A percentagem dos que gostaram da visita guiada ocupa o último lugar (20,7%). Foi elevada a percentagem dos que não emitiram opinião (31%). A leitura destes dados aconselha alguma modificação na organização das visitas guiadas, cuja parte expositiva não deverá monopolizar o tempo e a atenção dos visitantes, deixando-lhes mais tempo/espço para usufruírem do ambiente do museu e nele criarem os seus próprios “itinerários”.

Na verdade, como salientam Falk e Lynn:

“As várias perceções públicas dos museus interagem e influenciam as necessidades pessoais e coletivas dos visitantes, moldando suas expectativas de saber se essas instituições são para elas, podem atender às suas necessidades e, em caso afirmativo, o que elas têm para oferecer.” (Falk e Lynn, 2013, p. 66).

Os mesmos investigadores afirmam ainda que apenas alguns visitantes procuram nos museus o acesso a uma dimensão teórica mais profunda e abstrata com os objetos e a sua exposição, e só fazem de tempos a tempos (Falk e Lynn, 2013, pp. 110/111).

Os dados do inquérito confirmam razoavelmente a hipótese testada.

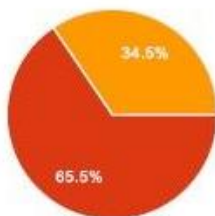
g. Hipótese 7 – Os visitantes também regressam ao museu porque querem aprender mais

Gráfico 8 – Estatística da intenção de revisitação ao MM

Voltaria a visitar o museu para aprofundar conhecimentos?

11/03/2017

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM) – Google Forms



Não, fiquei satisfeito/a com o que vi	0	0%
Sim, quando tiver disponibilidade e oportunidade, vou voltar	19	65,5%
Não sei/Não respondo	10	34,5%

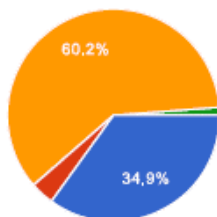
Comentário: Verifica-se que uma maioria significativa de inquiridos (65,5%) manifesta vontade de regressar ao museu, pelo que terão ficado satisfeitos com a primeira visita, ao ponto de lhes ter suscitado a intenção de, pelo menos, a repetirem. É, todavia, elevada a percentagem dos que entenderam não exprimir qualquer opinião (34,5%).

Os dados do inquérito confirmaram satisfatoriamente a hipótese testada, mas também apontam para a necessidade de se implementar uma estratégia clara de fidelização do público.

h. Hipótese 8 – O Curso de Língua e Cultura Chinesas (CLCC), desperta interesse noutras atividades do MM e do CCCM

Gráfico 9 – Estatística do conhecimento sobre o CLCC/CCCM

Alguma vez frequentou ou teve conhecimento do "Curso de Mandarim e Cultura Chinesa" lecionado pelo CCCM?



Sim, já ouvi falar	29	34,9%
Sim, já frequentei este curso	3	3,6%
Não	50	60,2%
Não sei/Não respondo	1	1,2%

Gráfico 10 – Estatística da divulgação sobre o CLCC/CCCM

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, como tomou conhecimento sobre este curso?

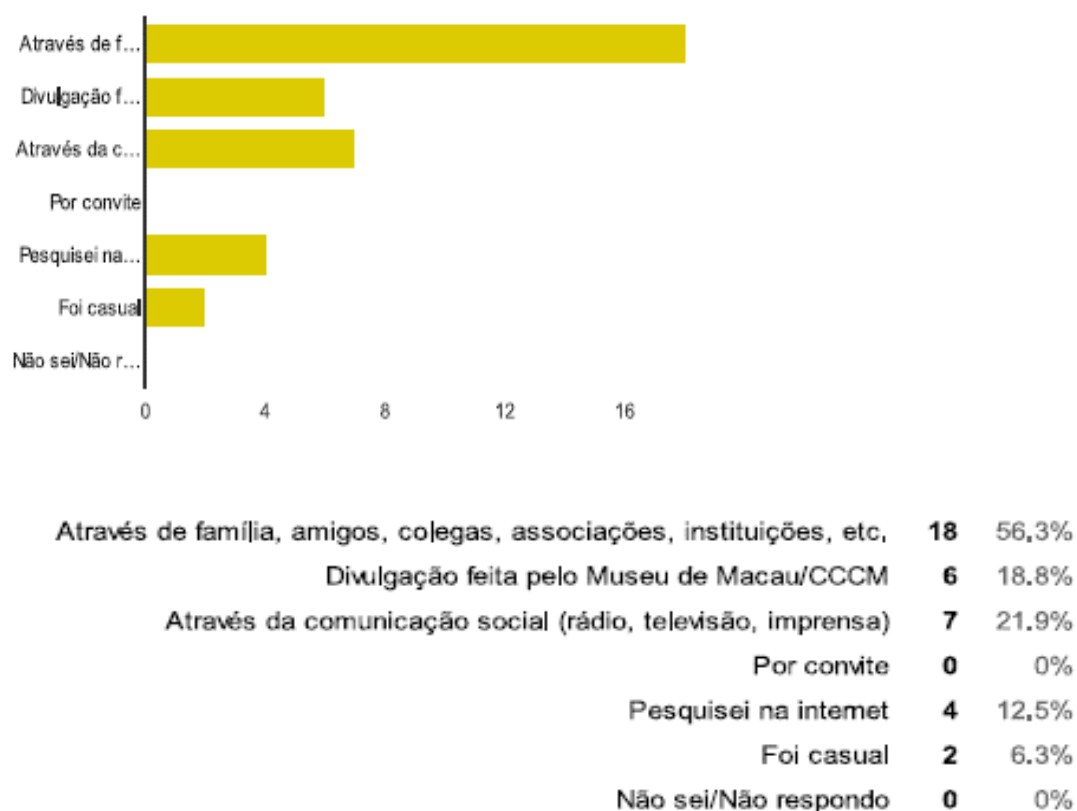
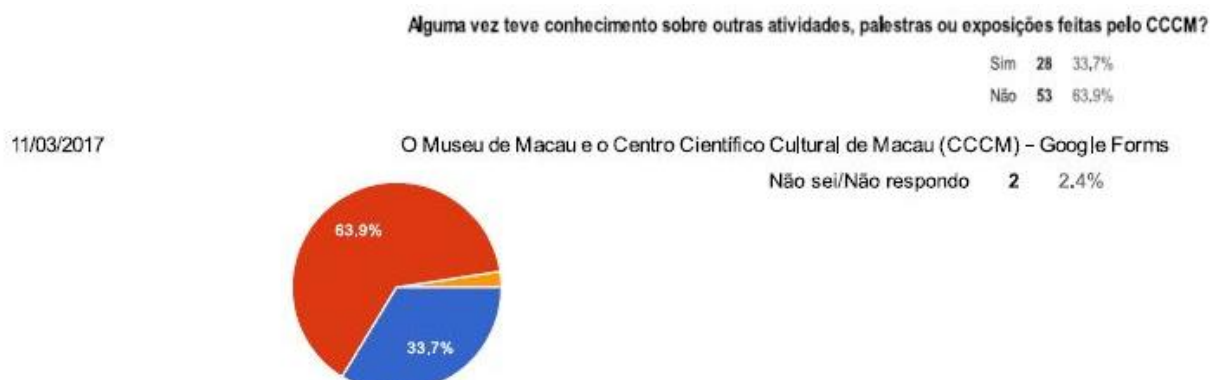


Gráfico 11 – Estatística do conhecimento sobre atividades do CCCM



Comentário: Depara-se com uma maioria de inquiridos que ignora por completo o CLCC (60,2%, Gráfico 10). Por outro lado, é também muito significativa a percentagem dos que apenas ouviram falar no curso (34,9%), sendo o “tradicional” meio “WOM” o principal veículo dessa divulgação (56,3%, Gráfico 11). Seguem-se o conhecimento através dos meios de comunicação (21,9%), e o conhecimento através

da divulgação realizada pelo MM/CCCM (18,8%) e o conhecimento através de pesquisa na internet (12,5%).

Poderíamos estar, à primeira vista, perante resultados catastróficos, mas pensamos não ser esse o caso. Efetivamente, as três últimas percentagens, em si e agregadas revelam-se significativas e apontam para uma divulgação sobretudo junto de círculos restritos: o dos que por motivos sobretudo académicos ou profissionais estão interessados em frequentar o CLCC. Será, assim, uma maior e melhor estratégia de divulgação junto do grande público que poderá contribuir, indiretamente, para aumentar o número de indivíduos que demandem o curso, e não o curso que poderá levar números significativos de indivíduos a inscreverem-se noutras atividades da instituição. Quanto muito, poderão ser levados a inscrever-se nessas atividades os indivíduos que frequentam/frequentaram o curso, o que será sempre um número comparativamente reduzido.

A ser assim, os dados do inquérito não confirmam significativamente a hipótese testada.

i. Hipótese 9 – Graças ao museu e ao CCCM, os públicos ficam a conhecer melhor Macau e a sua cultura

Gráfico 12 – Estatística das participações em atividades do CCCM

Alguma vez assistiu ou participou em alguma das atividades do CCCM?

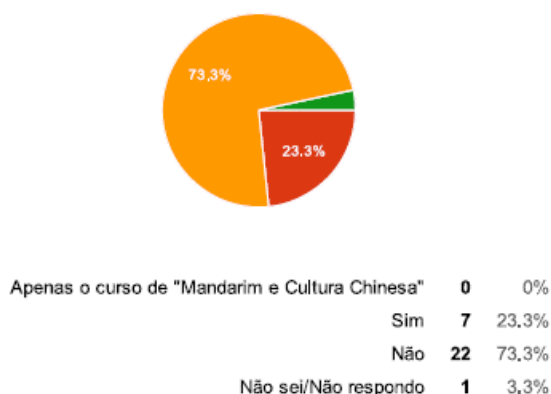


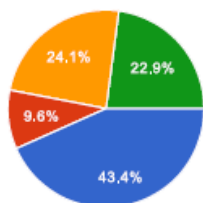
Gráfico 13 – Estatística de intenção nas atividades do CCCM

Se tivesse conhecimento e oportunidade, assistiria ou participaria em atividades do CCCM?



Gráfico 14 – Estatística de opiniões às atividades do CCCM

Considera adequadas as atividades e exposições do CCCM, enquanto promotor da cultura macaense?



Ignoro, porque nunca tive conhecimento	36	43,4%
Sim, o que existe é suficiente	8	9,6%
Poderiam existir mais atividades e eventos sobre Macau	20	24,1%
Não sei/Não respondo	19	22,9%

Comentário: Verifica-se ser grande a percentagem dos inquiridos (39,5%, Gráfico 14) que, se tivessem conhecimento e oportunidade, assistiriam/participariam em atividades do CCCM. Os que *talvez* gostassem de o fazer representam a maioria dos inquiridos (56,6%, Gráfico 14). Por outro lado, se a percentagem dos inquiridos que consideram ser suficientes as atividades que a instituição desenvolve em prol da cultura macaense é de apenas 9,6% (Gráfico 15), já a dos inquiridos que consideram que se deveriam desenvolver mais atividades sobre Macau é bem maior (22,9%, Gráfico 15). Verifica-se, assim, disponibilidade dos públicos que conhecem o CCCM para se envolverem em outras futuras iniciativas do MM/CCCM.

Nesta conformidade, os dados do inquérito parecem confirmar de forma estimulante a hipótese testada.

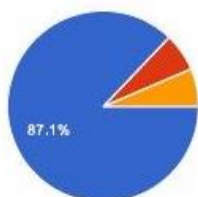
j. Hipótese 10 – As pessoas consideram que o relacionamento entre Portugal e a China através de Macau é importante e deve ser mantido e desenvolvido

Gráfico 15 – Estatística de opiniões ao relacionamento Portugal-China

Considera ser importante o relacionamento de Portugal com a China através de Macau?

11/03/2017

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM) – Google Forms



Sim, Macau é tradicionalmente um importante intermediário no relacionamento entre Portugal e a China	81	87,1%
Não, torna-se necessário encontrar alternativas para um bom relacionamento entre Portugal e a China, sem ser através de Macau.	6	6,5%
Não sei/Não respondo	6	6,5%

Comentário: A análise dos dados recolhidos permite concluir pela confirmação da hipótese testada. Na verdade, é extremamente elevada (87,1%, Gráfico 16) a

percentagem dos inquiridos que consideram ser Macau, tradicionalmente, um importante intermediário no relacionamento entre Portugal e a China. Parece existir, assim, algum conhecimento a nível do público de que Macau tem uma identidade própria, pelo que fará sentido que se procure informação sobre Macau no MM/CCCM, a ser disponibilizada pela instituição sob a forma de atividades especificamente focadas em Macau.

Não se deverá esquecer, porém, que Macau, sendo um território com governação própria, faz parte integrante da R.P. da China, pelo que também faz sentido que o MM/CCCM envolva a China nas suas atividades, que mais não seja para reforçar as relações cordiais que Portugal mantém com aquele país.

k. Breve comentário final

Do cotejo realizado entre os dados recolhidos e as hipóteses iniciais resultou a convicção de que, nas suas linhas gerais, as hipóteses estavam corretamente formuladas sendo muito razoavelmente confirmadas empiricamente. Algumas imperfeições da redação das perguntas podem ter determinado, no entanto, algum enviesamento das respostas dos inquiridos. Mesmo assim, o apuro geral é positivo e confirma que o CCCM e o seu museu têm vindo a desenvolver uma ação meritória em prol da divulgação do conhecimento de Macau e do Oriente, em que a região se insere.

Capítulo V – Programação/execução de atividades do CCCM/MM e comportamento dos públicos entre 2010/2015

1. Análise e interpretação dos dados disponíveis sobre a atividade do CCCM/Museu de Macau

Tabela 1 – Número de atividades por ano no CCCM (2010-2015)

Total anual das atividades realizadas no CCCM entre 2010/2015							
	visitas	formação	eventos	nº ativid	nº pess	CLCC	MM
2010	92	110	39	241	6573	2	71
2011	76	82	32	190	5951	2	67
2012	67	61	34	162	5371	2	51
2013	42	93	38	173	3706	2	42
2014	50	38	18	106	1468	2	51
2015	89	39	21	149	2800	2	70
Totais	416	423	182	1021	25869	12	352

Tabela 2 – Número de ingressos anual no CCCM (2010-2015)

Total de entradas por grupos no museu e por visitantes individuais							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Totais
Gr escolas	527	690	452	456	548	1233	3906
Gr outros	357	528	717	228	628	666	3124
Entradas	3731	10458	9064	8996	7634	6592	46475
Total	4615	11676	10233	9680	8810	8491	53505

Tabela 3 – Número de inscrições anual no CLCC (2010-2015)

CLCC (inscrição anual de alunos)						
2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
207	308	305	192	121	148	1276

Tabela 4 – Registo anual da confiança dos portugueses (2010-2017)

Período de referência dos dados	Perspectiva sobre evolução do desemprego nos próximos 12 meses (Saldo de respostas extremas); Mensal (%)	Perspectiva sobre a situação financeira do agregado familiar nos próximos 12 meses (Saldo de respostas extremas); Mensal (%)	Indicador de confiança dos consumidores (Saldo de respostas extremas); Mensal (%)	Perspectiva sobre a situação económica do país nos próximos 12 meses (Saldo de respostas extremas); Mensal (%)
Julho de 2017	-17,8	4,3	2,8	14,6
Dezembro de 2016	-4,5	2	-4,7	5,1
Janeiro de 2016	7,6	0,9	-8,8	2,5
Dezembro de 2015	7,9	-0,8	-11,7	-4,1
Janeiro de 2015	16,4	0,1	-11,7	-2,5
Dezembro de 2014	16,4	-8,3	-17,6	-10,3
Janeiro de 2014	23,3	-20,9	-25,8	-20,1
Dezembro de 2013	34,2	-20,1	-30,3	-28,5
Janeiro de 2013	72,5	-34	-51,3	-59,8
Dezembro de 2012	74,1	-33,2	-52	-62,6
Janeiro de 2012	74,9	-32,9	-50,1	-59,5
Dezembro de 2011	73,1	-35,5	-50	-61,5
Janeiro de 2011	63,6	-24,6	-44,4	-56,8
Dezembro de 2010	63,7	-22,9	-43,3	-52,8
Janeiro de 2010	53,5	-2,6	-25,7	-22,9

Tabela 5 – Número de visitantes de equipamentos culturais

Evolução do nº total de visitantes por tipo de equipamento cultural. 2010 - 2015									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2015-2014	2010 - 2015	
	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Total de visitantes	Variação positiva/negativa	Taxa de crescimento	Taxa média anual
monumentos	1.785.290	1.976.819	1.914.774	2.025.028	2.125.735	2.435.147	14,6%	36,4%	7,2%
museus	931.301	960.794	975.076	951.574	1.123.909	1.251.715	11,4%	34,4%	6,8%
palácios	301.186	303.477	285.735	498.147	327.789	369.106	12,6%	22,5%	4,5%
TOTAL M-M-P	3.017.777	3.241.090	3.175.585	3.474.749	3.577.433	4.055.968	13,4%	34,4%	6,8%

a. Museu de Macau

O Museu de Macau mantém uma atividade praticamente contínua, que pode atingir as três ou quatro visitas guiadas por grupos, diariamente. Para além destas visitas, a Tabela 5 regista milhares de visitas – 46475 entre 2010 e 2015 – resultantes de entradas individuais, que têm um custo de 3,00 € por pessoa. Estas visitas estão isentas de pagamento aos domingos de manhã, de acordo com a prática vigente a nível nacional. O museu concede descontos especiais a visitas por parte de entidades parceiras, à população sénior maiores de 65 anos e a estudantes. Se o museu tiver uma exposição temporária em exibição, o preço de ingresso inclui a respetiva visita, sem qualquer acréscimo. Esta medida visa, obviamente, promover as visitas ao museu.

Os dados disponibilizados na Tabela 5 permitem concluir que, em geral, o museu conseguiu resistir bem à crise financeira e económica que atingiu o país entre 2010 e 2015, pois nenhum dos indicadores posteriores a 2010 registou valores inferiores ao daquele ano no quinquénio seguinte. Pelo contrário, a recuperação da maioria dos indicadores regista valores duplos dos registados em 2010, sobretudo a partir de 2014. O crescimento do número de entradas individuais nos anos mais agudos da crise (2011 a 2013) pode dever-se, em parte significativa, à própria crise, pois o aumento exponencial do desemprego então registado tornou a população afetada mais disponível para outras atividades, designadamente as de carácter cultural que não envolvam encargos inportáveis, como será a visita a museus.

b. Curso de Língua e Cultura Chinesa (CLCC)

Os valores constantes da Tabela 6 registam, confirmando todos os efeitos da crise acima referida, um decréscimo acentuado de inscrição a partir de 2013, e um começo de recuperação, ainda tímido, em 2015.

c. Conjunto do CCCM

Quase todos os indicadores registam um declínio, por vezes acentuado de atividades, em relação ao ano de 2010 (Tabela 6). Muito deste decréscimo poderá estar diretamente relacionado com os cortes orçamentais mais ou menos drásticos, impostos pela Tutela, por sua vez pressionada pelo Ministério da Finanças, nos anos mais agudos da crise financeira. Nesta conformidade, para o conjunto de encargos e atividades do CCCM, a recuperação só começa a dar os primeiros passos positivos no ano de 2015. Só no caso do Museu de Macau, ela terá começado mais cedo, em 2014.

d. Dados de outras fontes que confirmam a recuperação dos indicadores de atividades do CCCM/MM, no período em apreço

Na tabela 7, extraída do site do INE, verifica-se que, em janeiro de 2010, três indicadores apresentavam já valores negativos: Perspetiva sobre a situação financeira do agregado familiar nos próximos 12 meses: -2,6%; Indicador de confiança dos consumidores: -25,7%; Perspetiva sobre a situação económica do país nos próximos 12 meses: -22,9%.

Estes indicadores, em dezembro de 2012, tinham atingido valores exponenciais de, respetivamente, -33,2%, -52% e -62,6%. Nos anos seguintes, assiste-se a uma evolução positiva destes indicadores, mas ainda geralmente negativa em termos absolutos. Só em julho de 2017 os três indicadores apresentam, em conjunto, valores positivos de, respetivamente: 4,3%, 2,8% e 14,6%. Esta evolução geral positiva confirma totalmente a evolução positiva acima registada nos indicadores de atividade do CCCM/MM, no mesmo período.

Já no âmbito específico da nossa investigação, os dados inscritos na Tabela 8 confirmam também, plenamente, a evolução positiva registada no CCCM/MM. Efetivamente, sem parecer ter sido afetado pela crise financeira, o número total de visitantes dos museus cresceu com regularidade e significativamente de 931.301, em 2010, para 1.251.715, em 2015, o que representa uma taxa de crescimento de 34,4% e uma taxa média anual de 6,8%.

A confirmar-se a curto e médio prazos a evolução positiva conjunta dos indicadores acima referidos – e tudo aponta para que essa evolução prossiga – será de prever que o CCCM/MM não fique à margem dessa evolução, sendo de prever um incremento significativo de todas as atividades do instituto, incluindo as do respetivo museu.

Capítulo VI – Conclusão e recomendações

1. Desafios

É bem conhecida no Ocidente, pelo menos desde o período helenístico, a constituição de um poder burocrático, com tendência a proliferar e, finalmente, a entorpecer e a desvirtuar os fins que ditaram a sua inicial criação. As burocracias tendem, assim, a dobrar-se sobre si mesmas e a tentar perpetuar-se indefinidamente, fora da esfera relacional viva das sociedades e dos estados, como bem viu Max Weber. Para este fundador da Sociologia, só mesmo um outro poder, o poder carismático, seria capaz de travar essa esclerose fatal.

Pensamos, no entanto, que o CCCM/MM, criado em finais do Séc. XX, está, felizmente, longe de ter, hoje, atingido esse lamentável estado letárgico. Os resultados do inquérito levado a cabo nesta investigação, juntamente com a apreciação ponderada de outros dados e indicadores permitem, efetivamente, afirmar que aquele instituto público está vivo e atuante, pois, designadamente, conseguiu resistir bem à crise financeira que assolou o país, pelo menos desde 2011, e encetar, de 2014 para cá, um processo de recuperação credível e tendencialmente sustentado.

Todavia, a realidade que desde sempre ditou a criação de instituições, nunca se manterá inalterada ao fim dos anos, sobretudo na época em que nos foi dado viver,

caraterizada por taxas de mudança exponenciais, que vêm ocorrendo a um ritmo inédito na vida individual e coletiva dos seres humanos.



Imagem 6 – Dr.ª Yupin Chung no Museu de Glasgow

Pensamos que estas considerações deverão estar presentes e ser levadas em conta pelos dirigentes do CCCM, particularmente no que se refere à estratégia a definir para o Museu de Macau. Isto porque, à vista de todos nós, está ocorrendo uma mudança de fundo, a nível global, na perceção pública da missão dos museus. Como salienta a Prof. Yupin Chung, o avanço, aparentemente imparável, no sentido de uma sociedade de lazer pós-industrial sempre mais globalizada, vem ditando grandes mudanças culturais e demográficas. Uma destas mudanças significativas é, com efeito, o que tem a ver com a perceção pública da função/missão dos museus, em que a respetiva tónica se desloca da educação para a recreação, da pesquisa e exibição para uma abordagem sempre mais focada no público e nos serviços a ele prestados (Chung, 2005, p.6).

Em relação com este desafio, ou como um dos seus corolários, pensamos que, conhecendo Portugal, nos nossos dias, um “boom” turístico inédito na história do país, será de dar atenção especial ao provável crescimento do número de turistas estrangeiros que visitam o museu e o CCCM, o que vem reforçar a tónica recreativa acima referida como meio de atrair e, desejavelmente, fidelizar públicos diversos.

2. Recomendações

- a. É óbvio que o CCCM e, particularmente, a Divisão de Museologia em que o museu se integra, têm necessidade de aumentar o seu pessoal, tanto administrativo como em quadros técnicos qualificados. O instituto tem alertado a Tutela para essa necessidade, que os desafios acima referidos só tornam mais premente. Impõe-se que esta pretensão, a nosso ver inteiramente justificada, seja devidamente ponderada e atendida por parte da Tutela do instituto.

- b.** Dispondo o instituto da possibilidade de angariar recursos próprios, não será de excluir, à partida, a um ajustamento dos preços praticados, por exemplo, segundo as taxas de inflação anual. Não haverá aqui que ter receio, já que, como refere Y. Chung, no que será secundada por muitas outras vozes igualmente avalizadas:

“Na sociedade de consumo, o vínculo entre preços e consumo tem vindo a tornar-se claro: as pessoas mostram-se mais propensas a consumir um produto quando têm consciência do seu custo.” (Chung, 2005, p.11)

- c.** Como já sugerido nos comentários ao inquérito estatístico realizado, e tendo em conta os desafios acima apontados, torna-se altamente aconselhável uma alteração do perfil das visitas (guiadas e não guiadas) ao museu, por forma a reforçar a sua tónica recreativa, sem, no entanto, descuidar a tradicional função educativa das mesmas.
- d.** Parece impor-se a definição de uma estratégia explícita de marketing cultural abrangendo o conjunto de atividades do instituto destinadas aos seus diferentes públicos-alvo.
- e.** Deparámos, no decurso do nosso trabalho, com dificuldades e impasses, por vezes insuperáveis, resultantes da deficiente comunicação entre as diferentes entidades, públicas e privadas, cuja ação se centra em Macau. Seria aconselhável que todas essas instituições pudessem agendar reuniões regulares entre si para conhecimento recíproco das ações que vêm desenvolvendo ou se propõem realizar. Evitar-se-iam, desse modo, redundâncias e melindres, com impacto positivo no cumprimento da missão específica de cada uma dessas entidades.

Bibliografia e Referências

Estatísticas Demográficas 2014, Ed. INE, Setembro 2015, pg. 125, ISBN: 978-989-25-0312-7

"A DIMENSÃO OCULTA", Edward T. Hall, Relógio D'Água, 1986, ISBN: 972-708-123-1

"O ESSENCIAL DE DRUCKER", Peter F. Drucker, Actual Editora (2ª ed., Abril/2009), (ISBN: 978-989-8101-34-1)

"MACAU: O Pequeníssimo Dragão", Boaventura de Sousa Santos/Conceição Gomes, Edições Afrontamento, (1ª ed., Abril/1998), (ISBN:972-36-0460-4)

"Ventos de Este, Ventos de Oeste - A Questão de Macau nas relações luso chinesas", Rute Saraiva, "Relatório de mestrado de Relações Internacionais apresentado em 1998 e concluído em Fevereiro de 2004, acedido da internet em 26/6/2017

"myb2002p", GCS (1ª ed., Setembro/2002), (ISBN: 99937-621-3-X)

"myb2003p", GCS (1ª ed., Novembro/2003), (ISBN: 99937-621-6-4)

"RUMOS DE MACAU E DAS RELAÇÕES PORTUGAL-CHINA (1974-1999), Actas do Seminário", Luis Filipe Barreto/CCM (1ª ed., 2010), (ISBN: 978-972-8586-18-8)

"O Turismo de Macau", Direção dos Serviços de Turismo de Macau, MX3 Artes Gráficas, Lda (Dep. Legal 386021/2014, 2015)

1999, Série I-A de 1999-11-18 – DRE (Estatutos do CCCM)

"THE MUSEUM EXPERIENCE, Revisited", H. Falk John/D. Dierking Lynn/Willard L. Boyd, Left Coast Press Inc., (1ª ed., Dezembro/2013), (ISBN: 9781611320459)

"GUIA DO MUSEU DE MACAU, Centro Científico e Cultural", Luis Filipe Barreto/Maria Manuela d'Oliveira Martins, Centro Científico e Cultural de Macau (1ª ed., 1999), (ISBN: 972-8586-01-9)

"LEARNING FROM MUSEUMS, Visitor Experiences And The Making Of Meaning ", Lynn D. Dierking/John H. Falk, ROWMAN & LITTLEFIELD (1ª ed., maio/2000), (ISBN: 9780742502956)

"YUPIN MOTIVATIONS, ATTITUDES AND LOYALTY TOWARDS A PRICING STRATEGY MODEL FOR TAIWANESE MUSEUMS", Yupin Chung, Tese de Doutoramento pela Universidade de Leicester, Departamento de Estudos Museológicos da Universidade de Leicester (UMI nr. U204790, Julho/2005)

Webgrafia

http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/images/a/a0/Main_countries_of_citizenship_and_birth_of_the_foreign_foreignborn_population%2C_1_January_2016_%28%C2%B9%29_%28in_absolute_numbers_and_as_a_percentage_of_the_total_foreign_foreign-born_population%29.png;

<http://yearbook.gcs.gov.mo/pt/>;

<http://www.fd.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2014/12/Saraiva-Rute-Ventos-de-Este-Ventos-de-Oeste.-A-Questao-de-Macau-nas-relacoes-luso-chinesas.pdf>;

<http://pt.china-embassy.org/pot/xwdt/t1435475.htm>;

<http://pt.china-embassy.org/pot/zt/Presidente/t767751.htm>;

<http://pt.macaotourism.gov.mo/index.php>

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&userLoadSave=Load&userTableOrder=4&tipoSeleccao=1&contexto=pq&selTab=tab1&submitLoad=true;

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/museus_e_monumentos/estatisticas_visitantes_dgpc_2015.pdf;

<http://www.cccm.pt/page.php?conteudo=listapub&tarefa=ver&id=149&item=2013>;

<http://www.cccm.pt/page.php?conteudo=&tarefa=ver&id=105&item=Manuais,%20Fontes%20e%20Estudos>;

http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004149;

http://expresso.sapo.pt/blogues/blogue_vento_velas/alexandre-valignano-um-missionario-de-excepcao-em-terras-do-japao=f602957;

<http://www.cccm.pt/page.php?conteudo=&tarefa=ver&id=29&item=Servi%20Educativo>;

<http://www.revistamacau.com/2014/04/16/tomas-pereira-e-o-imperador/>;

<http://www.oclarim.com.mo/local/centro-cientifico-e-cultural-de-macau/>

<http://www.dn.pt/artes/interior/museu-do-orient-com-400-mil-visitantes-em-cinco-anos-3203103.html>;

http://www.foriente.pt/95/relatorio-de-actividades-.htm#.Wac_3rKGPRY;

<http://www.glasgowlife.org.uk/museums/about-glasgow-museums/Pages/Our-Museum-project.aspx>

Suporte jornalístico

Revista Exame nº 396 – Abril 2017 – “*Guo Guang Chang – O Novo Dono Disto Tudo*”, pp. 22 e seguintes.

“O Dão está a despertar e promete ser uma revelação”, Margarida Cardoso, Revista Exame nº 396-Abril 2017, pg. 18, Ed. IMPRESA

Anexos e apêndices

Anexo 1 – Parcerias celebradas pelo Museu de Macau com as entidades sediadas em Lisboa e noutras cidades do país:

Autarquias: a Câmara Municipal de Lisboa; Câmara Municipal de Odivelas; juntas de freguesia como: Junta de Freguesia de Santa Justa – Lisboa; Junta de Freguesia da Lapa; Junta de Freguesia de S. Francisco Xavier; Junta de Freguesia de Belém; Junta de Freguesia de Benfica; Junta de Freguesia São João – Lisboa; Junta de Freguesia de Oeiras; Junta de Freguesia de Carnaxide; Junta de Freguesia de Alcântara.

Instituições de ensino: Agrupamento de escolas Francisco de Arruda; Escola Básica do Barreiro n.º 9; Agrupamento de Escolas Luís de Sttau Monteiro – Loures; Agrupamento de Escolas Gaspar Correia; Faculdade de Belas Artes; Colégio D. Filipa – Amadora; Colégio Sagrado Coração de Maria; Liceu Camões; Escola Passos Manuel; Escola Básica e Secundária Amélia Rei Colaço - 2.º Ciclo (5.º e 6.º Ano); Escola Alemã de Lisboa; Escola secundária do Restelo; Colégio do Bom Sucesso; Agrupamento de Vasco Santana – Odivelas; Centro de Educação e Desenvolvimento N. S. da Conceição; Alunos de Estudos Asiáticos (UL); Escola Superior de Artes Decorativas; Universidade de Aveiro; Curso de Chinês da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Universidade Lusíada; Universidade Nova de Lisboa - História da Arte; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - FCSH/NOVA; Instituto Politécnico de Leiria; Centro de Formação – Alverca (Adultos); Cambridge School; Universidade Católica; E. B. Roque Gameiro; Instituto de Estudos Académicos para Seniores - Academia das Ciências de Lisboa; Instituto de Medicina Tradicional.

Outras organizações: ARCO – Centro de Arte e Comunicação Visual; The British Historical Society of Portugal; Ginásio Clube Português; Embaixada da R. P. da China; Residência Sénior – Lar de Alcoitão; Jardim-de-infância Berloquitas (Pré-escolar); Associação dos Amigos dos Castelos; Stimuli – Associação de Cultura e Artes de Lisboa (Universidade Sénior); Universidade Sénior de Alcântara; Dream Travel, LDA – Alcobaça; Patriarcado de Lisboa; Centro Social Paroquial de Nova Oeiras; Centro Social e Paroquial Padre Abílio Mendes – Barreiro; Centro Paroquial do Campo Grande; Serviço Sociais da Administração Pública; Associação de Promoção Social de Castanheira do Ribatejo; Associação dos Auditores da Defesa Nacional; Associação BMW Motard; ACIS – Associação das Comunicações e Instituto Seniores; Reformados do Banco Santander Totta; Clube Milénio BCP; Rotary clube de Oeiras; Cruz Vermelha Portuguesa Academia Sénior; Comissão de Reformados do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa; AIPICA - Associação de Iniciativas Populares para a Infância do Concelho de Almada; Instituto Helen Keller; Anima Domus – Lar de Idosos Santa Casa de Misericórdia – Torres Vedras ; Centro Psicossocial da Casa Pia; Casa de Macau; Instituto Confúcio; Fundação Casa de Macau; IIM – Instituto Internacional de Macau; Centro Cultural de Macau.

Anexo 2 – Questionário submetido às diversas organizações

QUESTIONÁRIO MODELO PARA ORGANIZAÇÕES CONGÊNERES AO CCCM:

Joaquim Ng Pereira, finalista de Mestrado em “Programação e Gestão Cultural” na Universidade Lusófona, com o nº a21404352, está a produzir a sua dissertação subordinada ao tema: “O MUSEU DE MACAU E O ENSINO DO MANDARIM E DA CULTURA CHINESA”. Nessa conformidade pretende relacionar as atividades e exposições do Museu de Macau e do CCCM (Centro Científico e Cultural de Macau) com outras organizações congêneres e relacionadas com Macau, avaliando o peso que essas ações têm para o conhecimento e a divulgação sobre Macau, e simultaneamente na preservação e memória da cultura macaense.

Nesse sentido pede que sejam respondidas as seguintes questões e lhe sejam novamente reenviadas para:

ingpereira@gmail.com

(Telem. 916940247)

FUNDAÇÃO/INSTITUIÇÃO/ORGANIZAÇÃO:

- Qual é a Visão e Missão da instituição?
- Que atividades tem produzido para a promoção e divulgação de Macau, da sua cultura e das suas gentes?
- Considera que Macau tem uma cultura própria que se destaca da cultura tradicionalmente chinesa e que merece ser divulgada?
- Tem conseguido parcerias em atividades com organizações portuguesas e/ou macaenses para a divulgação de ações de dinamização sociocultural da cultura macaense ou sobre Macau?
- Tem conseguido apoios do governo português, chinês ou macaense para ações de dinamização sociocultural luso-macaense?

MUSEU DE MACAU E O CCCM (CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU):

- Conhece o Museu de Macau e o CCCM?
- Existe ou existiu alguma parceria com atividades que envolvam essa instituição e o Museu de Macau/CCCM?
- Em caso negativo de não haver nenhuma parceria com o Museu de Macau/CCCM, mas se houvesse essa oportunidade, consideraria estabelecer alguma parceria com atividades respeitantes a Macau?
- Considera adequadas as atividades e exposições do Museu de Macau/CCCM, enquanto promotor da cultura macaense? E da cultura chinesa?

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Anexo 3 – Resposta da FJA ao questionário submetido

FUNDAÇÃO JORGE ÁLVARES

A Fundação Jorge Álvares, constituída a 14 de Dezembro de 1999, tem estatutariamente por fim a prossecução de actividades de natureza cultural, educativa, científica, artística e social, a desenvolver no âmbito do diálogo intercultural, fruto da especificidade de Macau, resultante da secular presença portuguesa naquele Território. Tem ainda por fim a promoção de acções de apoio às instituições que em Portugal se dediquem ao estudo e divulgação de Macau, e o apoio à dinamização de actividades e iniciativas ligadas à diáspora macaense, fomentando um melhor conhecimento de Macau, da sua realidade e projecção futura.

A Fundação tem vindo desde a sua criação a desenvolver acções de cooperação com entidades particulares e instituições da RAEM, designadamente, e entre várias outras, a Universidade de Macau, o Instituto Politécnico de Macau, o Instituto Internacional de Macau, e a Escola Portuguesa de Macau. Em Portugal, sempre com o objectivo de contribuir para suscitar e promover a cooperação com a RAEM nas áreas cultural, educativa, científica, artística e social, a Fundação tem concedido Prémios como o da Academia das Ciências de Lisboa, tem apoiado a realização de diversos colóquios internacionais e edições sobre temas relacionados com Macau e as relações de Portugal com a China, tem colaborado estreitamente com o Centro Científico e Cultural de Macau, com quem tem estabelecido programas de apoio anuais de particular relevância, e com várias instituições ligadas ao estudo da história e cultura orientais, como o Instituto do Oriente e o Centro Nacional de Cultura. Do elevado número de apoios pontuais e outras iniciativas desenvolvidas ao longo dos últimos anos, para além da colaboração com a diáspora macaense, é ainda de realçar a criação, em colaboração com a Universidade Nova de Lisboa e a Escola Portuguesa de Macau, da denominada Biblioteca Digital Fundação Jorge Álvares, a organização dos Encontros de Poetas Lusófonos e Chineses, já com três edições, em colaboração com entidades de Portugal e da RAEM, os Encontros de Macau em Mafra, e os apoios para a aprendizagem em Portugal do mandarim e, para a comunidade chinesa, da língua portuguesa.

Os cerca de 450 anos de presença harmoniosa de Portugal em Macau criaram uma situação singular, única no mundo, de um verdadeiro encontro de culturas, um elo entre o Oriente e o Ocidente, que o governo da actual Região Administrativa Especial de Macau tem vindo a preservar.

Tal como referido e exemplificado acima, para o cumprimento das obrigações que estiveram na génese da sua criação, a Fundação, para além da sua actividade individual em iniciativas próprias, tem concedido apoios a muitos entidades individuais e instituições, bem como constituído parcerias, para iniciativas específicas, com muitas instituições portuguesas, da Região Administrativa Especial de Macau e da diáspora.

O financiamento da actividade da Fundação, incluindo dos apoios e subsídios concedidos, provém de uma cuidada e criteriosa gestão do seu património próprio inicial.

Anexo 4 – Resposta do CCCM ao questionário submetido

CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU

O Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) foi criado na mesma ocasião da Fundação Jorge Álvares (FJA), em 1999, com o objectivo de dotar Portugal de uma instituição capaz de divulgar o que foi a história secular vivida por Portugal naquela região do globo e como se desenvolveram, e perduraram, as relações harmoniosas criadas com os países da região, com destaque para a República Popular da China.

Considerando que nos objectivos fundadores da FJA e do CCCM se inscrevem capacidades complementares e áreas comuns, designadamente no domínio da cultura e da ciência, como a promoção do conhecimento sobre a presença portuguesa em Macau e as relações entre Portugal e a China, foram estabelecidos Protocolos de Cooperação entre as duas instituições, tendo em vista desenvolver actividades em diversas áreas de interesse mútuo.

Neste quadro, a FJA tem apoiado numerosas actividades e exposições do CCCM, merecendo particular destaque:

- a realização de colóquios internacionais anuais, seminários, actividades de investigação, acções de formação e exposições de referência;
- diversos projectos editoriais em suporte de papel ou digital;
- a publicação e a aquisição de obras de referência para a importante Biblioteca do CCCM;
- os curso de formação em língua e civilização chinesas;
- os contributos vários para valorizar o importante espólio do Museu de Macau do CCCM através da aquisição e depósito nesta unidade museológica nacional de um conjunto de valiosas peças em porcelana chinesa antiga oriental – de realçar, entre outras a designada *Garrafa dita de Jorge Álvares*, datada de 1552, uma de apenas seis peças idênticas existentes no mundo, bem como a encomenda especialmente feita para expor no Museu de uma réplica do denominado *Globo Terrestre Dias/Longobardi*, produzido em Pequim, em 1623, por um jesuíta português e um italiano, cujo original se encontra na British Library de Londres.

Nos vários casos o crescente apoio da FJA tem possibilitado uma maior actividade e divulgação do CCCM, incluindo o seu Museu de Macau, tendo entretanto sido decidido para o triénio 2016/19 o reforço desta parceria público/privada, de modo a que o CCCM possa continuar a cumprir a sua relevante missão científica e cultural.

Anexo 5 – Resposta da FO ao questionário submetido

Fundação Oriente

Joaquim Ng Pereira, finalista de Mestrado em “Programação e Gestão Cultural” na Universidade Lusófona, com o nº a21404352, está a produzir a sua dissertação subordinada ao tema: “O MUSEU DE MACAU E O ENSINO DO MANDARIM E DA CULTURA CHINESA”. Nessa conformidade pretende relacionar as atividades e exposições do Museu de Macau e do CCCM (Centro Científico e Cultural de Macau) com outras organizações congêneres e relacionadas com Macau, avaliando o peso que essas ações têm para o conhecimento e a divulgação sobre Macau, e simultaneamente na preservação e memória da cultura macaense.

Nesse sentido pede que sejam respondidas as seguintes questões e lhe sejam novamente reenviadas para:

ingpereira@gmail.com

(Telem. 916940247)

FUNDAÇÃO ORIENTE:

- a. Quais são a Visão e Missão da Fundação Oriente?
A Fundação Oriente tem como missão a prossecução de ações de carácter cultural, educativo, artístico, científico e filantrópico, a levá-la a cabo sobretudo em Portugal e Macau, e que visam a valorização e a continuidade das relações históricas e culturais entre Portugal e o Oriente, nomeadamente a China.
- b. Que atividades tem produzido para a promoção e divulgação de Macau, da sua cultura e das suas gentes?
Através do Museu do Oriente têm sido produzidas actividades de carácter cultural, nomeadamente exposições, cursos e conferências, workshops, visitas guiadas e outras ações educativas para todos os públicos. Têm também sido atribuídas bolsas de investigação de curta e longa duração a estudantes, bem como a publicação de edições que têm como temática Macau.
- c. Considera que Macau tem uma cultura própria que se destaca da cultura tradicionalmente chinesa e que merece ser divulgada?
Considera-se que Macau foi uma porta de entrada da cultura ocidental na China, que permitiu uma simbiose das duas culturas naquela zona.
- d. Tem conseguido parcerias em atividades com organizações portuguesas e/ou macaenses para a divulgação de ações de dinamização sociocultural da cultura macaense ou sobre Macau?
Sim, temos parcerias com diversas entidades macaenses.
- e. Tem conseguido apoios do governo português, chinês ou macaense para ações de dinamização sociocultural luso-macaense?
Sim, temos conseguido apoios de todas as entidades governamentais mencionadas.

MUSEU DE MACAU E O CCCM (CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU):

- a. Conhece o Museu de Macau e o CCCM?
Sim, conhecemos.
- b. Existe ou existiu alguma parceria com atividades que envolvam a Fundação Oriente com o Museu de Macau/CCCM?
Sim, existe uma parceria que nunca funcionou.
- c. Em caso negativo de não haver nenhuma parceria com o Museu de Macau/CCCM, mas se houvesse essa oportunidade, consideraria estabelecer alguma parceria com atividades respeitantes a Macau?
Ver resposta anterior.
- d. Considera adequadas as atividades e exposições do Museu de Macau/CCCM, enquanto promotor da cultura macaense? E da cultura chinesa?
Sim, considera-se meritória a sua ação em prole da cultura macaense.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Anexo 6 – Questão posta à FO no seguimento da resposta ao questionário anterior



Joaquim Pereira <jngpereira@gmail.com>

FW: Resposta a questões colocadas

Joaquim Pereira <jngpereira@gmail.com>

9 de janeiro de 2017 às 17:46

Para: Maria Manuela d'Oliveira Martins <manuelaoliveiramartins@foriente.pt>

Bcc: Prof Rafael Filipe <rfilipe@netcabo.pt>

Boa tarde, mais uma vez, Dr.ª Maria Manuela d'Oliveira Martins!

No seguimento da amável resposta ao inquérito que me enviou, e após uma leitura mais cuidada das respostas no inquérito, pedia-lhe o obséquio de me elucidar, se possível, dois pontos que passarei a enunciar:

1) Relativamente à secção dedicada à Fundação Oriente, nomeadamente na alínea "d", respondeu que "Sim, temos parcerias com diversas entidades macaenses". Pedia-lhe assim que me identificasse quais as entidades macaenses em causa. O objetivo desta minha pretensão é o de conhecer o que está a falhar no sistema comunicacional do CCCM, especificamente no que se refere ao Museu de Macau.

2) No mesmo sentido, pedia-lhe que me clarificasse na secção sobre o Museu de Macau/CCCM, na alínea "b", o que é que falhou quando afirma que "Sim, existe uma parceria que nunca funcionou", uma vez que obtive uma resposta parecida de uma das técnicas do Museu de Macau (em Macau), aquando da minha visita ao território em Abril de 2016.

Acrescento que todas as respostas ou comentários que possa tecer relativamente a esta matéria serão sigilosas e apenas servirão de fundamento para a minha tese, na qual, se assim o entender, pedirei segredo relativamente à sua fonte de informação.

Mais uma vez agradeço toda a atenção que este assunto possa merecer, e agradecendo igualmente e desde já todo o auxílio que me possa prestar.

Sou com os melhores cumprimentos.

Joaquim Ng Pereira

Anexo 7 – Resposta do IIM ao questionário submetido



Joaquim Pereira <jngpereira@gmail.com>

Re: suas perguntas

Joaquim Pereira <jngpereira@gmail.com>

17 de maio de 2017 às 20:34

Para: Joaquim Pereira <joaquim.pereira@cm-amadora.pt>

No dia 17 de maio de 2017 às 01:20, Jorge Rangel <jachangel@gmail.com> escreveu:

Caro Amigo,

Foi lamentável esta demora. Em constantes deslocações, para seminários e conferências em várias partes do mundo, e períodos de ausência em Macau e noutras partes do Extremo Oriente, acabei por não responder até agora às perguntas que me enviou.

As respostas seguem agora:

IIM

O Instituto Internacional de Macau (IIM) é uma instituição da sociedade civil de Macau, criada em 1999, último ano da administração portuguesa naquele território, por cerca de 40 personalidades ligadas a Macau por laços familiares, profissionais ou culturais. O propósito foi contribuir para a promoção de Macau no exterior, especialmente nas áreas académica e cultural, e funcionar como um instituto de estudos e investigação, sobre Macau, a sua história e memória, a sua inserção numa das áreas de maior desenvolvimento em todo o mundo, os novos desafios que lhe foram colocados como região especial da China e a sua vocação como ponte cultural e económica entre o Oriente e o Ocidente, entre a China e a Europa e entre a China e o mundo lusófono.

Ao longo dos seus 17 anos de funcionamento, o IIM desenvolveu um vasto programa de actividades em Macau e no exterior, na forma de seminários, conferências, exposições, cursos, concursos, intercâmbio académico e edições, sendo hoje a entidade que mais publica em Macau, em resultado dos estudos realizados pelos seus colaboradores espalhados pelo mundo.

Duas grandes exposições comemorativas do 10.º e do 15.º aniversários da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China (RAEM) foram organizadas em vários países pelo IIM, além de várias outras, versando temas como o património arquitectónico; Macau, património da humanidade; as artes nas ruas da cidade; a memória de Macau; e Macau hoje. Também foram promovidas pelo IIM exposições de artistas de Macau, em Portugal, no Brasil e na América do Norte.

Quanto a parcerias, o IIM firmou protocolos de cooperação e estabeleceu parcerias úteis com mais de 60 entidades do exterior. E criou uma vasta rede de colaboradores ligados a instituições académicas e culturais de muitos países. Também mantém com Casas de Macau e outras organizações da diáspora macaense um muito positivo relacionamento.

Os membros fundadores do IIM contribuíram para o seu arranque e funcionamento, o Governo de Macau facultou-lhe as instalações e entidades públicas e privadas da RAEM apoiaram o seu desenvolvimento, assumindo o patrocínio de iniciativas ou realizando projectos conjuntos. À semelhança de muitas instituições da sociedade civil da RAEM, a Fundação Macau apoia financeiramente um certo número de actividades incluídas no programa anual do IIM. Este apoio é imprescindível. As autoridades da RAEM solicitaram ao IIM a organização das exposições comemorativas dos aniversários da RAEM e assumiu os correspondentes encargos.

Anexo 7 (cont.)

/2017

Gmail - Re: suas perguntas

Apoios financeiros de entidades públicas de Portugal não existem. E de Fundações e outras entidades privadas sediadas em Portugal são também quase inexistentes. O estabelecimento de parcerias com algumas delas tem, contudo, facilitado a realização de algumas iniciativas em Portugal. O mesmo acontece no Brasil e em outros países. Nunca pedimos apoios financeiros a entidades chinesas, mas já realizámos actividades conjuntas com universidades e outras instituições da China.

CCCM

O IIM mantém relações muito positivas com o CCCM. Além de já ter realizado nas suas instalações várias actividades (seminários, exposições e lançamentos de livros) ao longo dos anos, acompanha de perto o seu funcionamento e promove a sua divulgação. O IIM considera o CCCM uma instituição muito importante para a promoção de Macau em Portugal e para promover relações culturais entre Portugal e a China. Infelizmente, o seu orçamento, como entidade pública, é muito limitado. Tem, contudo, patrocínios e subsídios relevantes da Fundação Jorge Álvares, que considera prioritário o apoio ao seu funcionamento, ajudando a viabilizar uma parte substancial do seu programa. A Embaixada da RPC em Lisboa também reconhece a importância do CCCM e realiza exposições e outras actividades nas suas instalações.

Caso queira colocar mais alguma questão, estarei à sua disposição. Vou estar ausente, em Londres, até ao dia 23 (parto daqui a poucas horas), mas poderei ser contactado por esta via.

Saudações pessoais.

Jorge A. H. Rangel,
Presidente do IIM

Anexo 8 – Resposta da Casa de Macau ao questionário submetido

RESPOSTAS AS QUESTOES DE JOAQUIM PEREIRA

CASA DE MACAU:

- a) De acordo com os seus Estatutos, a Casa de Macau é uma associação sem fins lucrativos, tendo sido criada com o objectivo de promover os laços de amizade e de solidariedade entre os membros da comunidade macaense de matriz cultural portuguesa, aprofundar a sua ligação com as comunidades macaenses residentes em Macau e noutras partes do mundo e fomentar a divulgação da cultura macaense em Portugal.

Actualmente, a Casa de Macau encontra-se também aberta a todos aqueles que, não sendo macaenses, se interessam por Macau, pelos macaenses e pela sua cultura.

- b) A Casa de Macau promove diversas actividades que visam a divulgação de Macau e da cultura macaense, nas suas diversas vertentes. Assim, organiza anualmente os chamados chás gordos em épocas festivas – o da Páscoa, do dia da Casa de Macau em Junho, e o do Natal – em que são servidas iguarias típicas macaenses, entre outras, assim se promovendo também a gastronomia macaenses. É ainda comemorado o Ano Novo Chinês com uma festa anual realizada no Restaurante Estoril Mandarin, com almoço chinês e sorteio de prendas alusivas a esta comemoração.

A Casa de Macau organiza ainda workshops de cozinha macaense e palestras sobre temas que interessam a Macau e aos macaenses. Organiza também cursos de mandarim, de iniciação e avançados.

- c) A Casa de Macau considera que existe uma cultura macaense com características próprias e por isso se destaca da cultura chinesa.
- d) Têm sido obtidas, quando necessário, algumas parcerias com instituições portuguesas e macaenses para divulgação de actividades de índole cultural.
- e) Não tem havido apoios de carácter financeiro do governo português. A Casa de Macau recebe um pequeno subsídio do Conselho das Comunidades Macaenses, o qual é concedido pela Fundação Macau, da Região Administrativa Especial de Macau.

MUSEU DE MACAU E O CCCM:

- a) A Casa de Macau conhece o Museu de Macau/CCCM.
- b) Não existe uma parceria com o Museu de Macau/CCCM em termos de assinatura de protocolo, mas existe uma colaboração institucional para efeitos de divulgação de actividades mútuas que interessem a Macau e aos macaenses, através das respectivas *mailing lists*.
- c) A Casa de Macau já procurou estabelecer uma parceria formal com o Museu de Macau/CCCM, nomeadamente para obtenção de vantagens para os associados em visitas ao Museu, não tendo então sido possível avançar. Caso houvesse oportunidade, a Casa de Macau consideraria útil.
- d) A Casa de Macau considera adequadas as exposições promovidas pelo Museu de Macau/CCCM que teve a oportunidade de conhecer.

Anexo 9 – Questionário submetido ao público em geral através do Google Forms

The image shows a Google Forms survey displayed in a web browser. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYIVxc-10djV0EysdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/viewform>. The browser's tab is labeled 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. The survey title is 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. The survey text is as follows:

Prezado Sr. / Sra.,

Joaquim Ng Pereira, finalista de Mestrado em "Programação e Gestão Cultural" na Universidade Lusófona, está a produzir a sua dissertação subordinada ao tema: "O MUSEU DE MACAU E O ENSINO DO MANDARIM E DA CULTURA CHINESA", na qual pretende analisar as atividades do Museu de Macau e do CCCM (Centro Científico e Cultural de Macau), e avaliar o peso que essas atividades têm para o conhecimento e a divulgação sobre Macau e a sua cultura. Este questionário visa assim conhecer as estratégias desenvolvidas por aquelas instituições, na divulgação das suas atividades para o público em geral.

Todas as respostas serão anónimas, garantindo-se aos inquiridos a confidencialidade dos dados recolhidos, no respeito pelos princípios deontológicos da investigação.

Nota: Em algumas questões pode marcar mais de uma resposta (as que se marcam em quadrados)

*Required

Email address *

Your email address

NEXT

Page 1 of 20

Never submit passwords through Google Forms.

This content is neither created nor endorsed by Google. Report Abuse - Terms of Service - Additional Terms

Google Forms

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Revele um pouco sobre si

Qual é o seu género (gender)? *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Prefiro não dizer

VOLTAR PRÓXIMA

Página 2 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

The image is a screenshot of a web browser displaying a Google Forms survey. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYlVxc-10dJvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other services. The survey itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, there is a red asterisk and the word "Obrigatório" (Mandatory). The survey is divided into sections, with the current one titled "Untitled section". The question is "Qual é a sua idade? *" (What is your age? *). It is a multiple-choice question with six options: "15/24 anos de idade", "25/34 anos de idade", "35/44 anos de idade", "45/54 anos de idade", "55/64 anos de idade", and "65 anos ou mais de idade". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" (Back) and "PRÓXIMA" (Next). A progress bar indicates the current page is "Página 3 de 20". A small note at the bottom of the form states "Nunca envie senhas pelo Formulários Google." (Never send passwords through Google Forms). At the very bottom of the browser window, there is a small disclaimer: "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos de Política de Privacidade".

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Qual é a sua idade? *

☐ 15/24 anos de idade

☐ 25/34 anos de idade

☐ 35/44 anos de idade

☐ 45/54 anos de idade

☐ 55/64 anos de idade

☐ 65 anos ou mais de idade

VOLTAR PRÓXIMA

Página 3 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos de Política de Privacidade

(Gráfico 1 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Forms survey. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYlVxc-10djvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other links. The survey itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, it says "*Obrigatório". The main content area is titled "Untitled section" and contains a question: "Qual é a sua formação académica? *". There are three radio button options: "Ensino Primário/Preparatório", "Ensino Secundário/Técnico", and "Ensino universitário (licenciatura ou superior)". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" and "PRÓXIMA", followed by a progress bar and the text "Página 4 de 20". A small warning message at the bottom of the form says "Nunca envie senhas pelo Formulários Google." The footer of the page includes the text "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais" and the "Google Formulários" logo.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Qual é a sua formação académica? *

☐ Ensino Primário/Preparatório

☐ Ensino Secundário/Técnico

☐ Ensino universitário (licenciatura ou superior)

VOLTAR PRÓXIMA

Página 4 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 2 no texto)

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Início do Inquérito

Conhece ou já ouviu falar do Museu de Macau ou do CCCM? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 5 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 3 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYlVxc-10djvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other extensions. The form itself has a purple header and a white content area. The title of the form is 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. Below the title, there is a red asterisk indicating a mandatory question. The question text is 'Se respondeu afirmativamente à questão anterior, como teve conhecimento sobre estas instituições? *'. There are seven radio button options: 'Através de família, amigos, colegas, associações, instituições, etc.', 'Divulgação feita pelo Museu de Macau/CCCM', 'Através da comunicação social (rádio, televisão, imprensa)', 'Por convite', 'Pesquisei na internet', 'Foi casual', and 'Não sei/Não respondo'. At the bottom of the form, there are two buttons: 'VOLTAR' and 'PRÓXIMA'. A progress bar shows the current page is 'Página 6 de 20'. A small note at the bottom left of the form says 'Nunca envie senhas pelo Formulários Google.'

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

***Obrigatório**

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, como teve conhecimento sobre estas instituições? *

- ☐ Através de família, amigos, colegas, associações, instituições, etc.
- ☐ Divulgação feita pelo Museu de Macau/CCCM
- ☐ Através da comunicação social (rádio, televisão, imprensa)
- ☐ Por convite
- ☐ Pesquisei na internet
- ☐ Foi casual
- ☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 6 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

(Gráfico 4 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYlVxc-10djvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other services. The form itself has a purple header and a white central box containing the title and questions. The title is 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. Below the title is a red asterisk and the word 'Obrigatório'. The question is 'Se tivesse disponibilidade e oportunidade gostaria de visitar o Museu de Macau ou o CCCM? *'. There are five radio button options: 'Sim, gostaria de visitar ambos', 'Sim, gostaria de visitar o Museu de Macau', 'Sim, gostaria de visitar o CCCM', 'Não, atualmente não me sinto interessado em visitar nenhum dos dois', and 'Não sei/Não respondo'. At the bottom of the form box are two buttons: 'VOLTAR' and 'PRÓXIMA'. A progress bar is partially filled, and the text 'Página 8 de 20' is visible. At the very bottom of the page, there is a Google logo and the text 'Google Formulários'.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

***Obrigatório**

Se tivesse disponibilidade e oportunidade gostaria de visitar o Museu de Macau ou o CCCM? *

☐ Sim, gostaria de visitar ambos

☐ Sim, gostaria de visitar o Museu de Macau

☐ Sim, gostaria de visitar o CCCM

☐ Não, atualmente não me sinto interessado em visitar nenhum dos dois

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 8 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 5 no texto)

The image shows a Google Forms survey displayed within a web browser. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYIVxc-10djvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's tab is labeled 'O Museu de Macau e o Centi...'. The browser's address bar also shows 'Seguro' and a list of bookmarks including 'Aplicações', 'Sites Sugeridos', 'Google', 'Gmail', 'Dicionário Priberam da L...', 'Google Tradutor', 'cgd', 'SIMAS Oeiras e Amador', and 'Netpa Pagina Entrada'. The survey itself has a purple header and a white content area. The title of the survey is 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. Below the title, there is a red asterisk and the word 'Obrigatório'. The main question is 'Se já visitou o museu, gostou ou achou úteis os conhecimentos nele adquiridos? *'. There are five radio button options: 'Ainda não visitei o Museu de Macau', 'Sim, contribuiu para o meu enriquecimento cultural', 'Achei apenas interessante a exposição dos objetos', 'Não sei/Não respondo', and 'Outro: _____'. At the bottom of the form, there are two buttons: 'VOLTAR' and 'PRÓXIMA'. A progress bar is shown with a blue segment and the text 'Página 9 de 20'. At the very bottom of the page, there is a small text: 'Nunca envie senhas pelo Formulários Google.' and a footer: 'Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais' and the 'Google Formulários' logo.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

***Obrigatório**

Se já visitou o museu, gostou ou achou úteis os conhecimentos nele adquiridos? *

☐ Ainda não visitei o Museu de Macau

☐ Sim, contribuiu para o meu enriquecimento cultural

☐ Achei apenas interessante a exposição dos objetos

☐ Não sei/Não respondo

☐ Outro: _____

VOLTAR PRÓXIMA

Página 9 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 6 no texto)

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

E nos conhecimentos adquiridos sobre Macau... ? *

☐ Sinto-me satisfeito/a com o que aprendi

☐ Não tenho opinião formada. Tenho algumas dúvidas

☐ Não sei/Não respondo

☐ Outro: _____

VOLTAR PRÓXIMA

Página 10 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

O que lhe agradou mais na visita ao Museu de Macau? *

- ☐ Gostei da visita guiada
- ☐ Gostei do ambiente/espço
- ☐ Gostei das peças exibidas no museu
- ☐ Gostei de tudo em geral
- ☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 11 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

(Gráfico 7 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows a secure connection to a Google Docs form. The form has a purple header with the title 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. Below the title, there is a red asterisk indicating a mandatory question. The question is 'Voltaria a visitar o museu para aprofundar conhecimentos? *'. There are three radio button options: 'Não, fiquei satisfeito/a com o que vi', 'Sim, quando tiver disponibilidade e oportunidade, vou voltar', and 'Não sei/Não respondo'. At the bottom of the form, there are two buttons: 'VOLTAR' and 'PRÓXIMA'. A progress bar indicates the current page is 12 of 20. The Google Forms logo is visible at the bottom of the page.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Voltaria a visitar o museu para aprofundar conhecimentos? *

☐ Não, fiquei satisfeito/a com o que vi

☐ Sim, quando tiver disponibilidade e oportunidade, vou voltar

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 12 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 8 no texto)

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Alguma vez frequentou ou teve conhecimento do "Curso de Mandarim e Cultura Chinesa" lecionado pelo CCCM? *

☐ Sim, já ouvi falar

☐ Sim, já frequentei este curso

☐ Não

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 13 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 9 no texto)

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Se respondeu afirmativamente à questão anterior, como tomou conhecimento sobre este curso? *

- ☐ Através de família, amigos, colegas, associações, instituições, etc.
- ☐ Divulgação feita pelo Museu de Macau/CCCM
- ☐ Através da comunicação social (rádio, televisão, imprensa)
- ☐ Por convite
- ☐ Pesquisei na internet
- ☐ Foi casual
- ☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 14 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

(Gráfico 10 no texto)

The image shows a Google Forms interface in a web browser. The browser's address bar displays the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eAZfkYlVxc-10djvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other services. The form itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, there is a red asterisk and the word "Obrigatório". The form is divided into sections, with the current section titled "Untitled section". The question in this section is "Alguma vez teve conhecimento sobre outras atividades, palestras ou exposições feitas pelo CCCM? *". There are three radio button options: "Sim", "Não", and "Não sei/Não respondo". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" and "PRÓXIMA". A progress bar indicates the current position, and the text "Página 15 de 20" is visible. At the very bottom of the page, there is a footer with the text "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais" and the "Google Formulários" logo.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Alguma vez teve conhecimento sobre outras atividades, palestras ou exposições feitas pelo CCCM? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 15 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 11 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYIVxc-10djV0EyssdRLzF9wVcAqEe6fv0novVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other services. The form itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, it says "*Obrigatório". The form is titled "Untitled section" and contains a question: "Alguma vez assistiu ou participou em alguma das atividades do CCCM? *". There are four radio button options: "Apenas o curso de 'Mandarim e Cultura Chinesa'", "Sim", "Não", and "Não sei/Não respondo". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" and "PRÓXIMA". A progress bar indicates the current page is "Página 16 de 20". At the very bottom of the browser window, there is a footer with the text "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais" and the "Google Formulários" logo.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Alguma vez assistiu ou participou em alguma das atividades do CCCM? *

☐ Apenas o curso de "Mandarim e Cultura Chinesa"

☐ Sim

☐ Não

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 16 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 12 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Forms survey. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-eOeA2fkYlVxc-10djV0EyssdRLzF9wVcAgEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other utilities. The survey itself has a purple header and a white central box. The title of the survey is 'O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)'. Below the title, it says '*Obrigatório'. The main question is 'Se tivesse conhecimento e oportunidade, assistiria ou participaria em atividades do CCCM? *'. There are four radio button options: 'Sim', 'Não', 'Talvez', and 'Não sei/Não respondo'. At the bottom of the form, there are two buttons: 'VOLTAR' and 'PRÓXIMA'. A progress bar indicates 'Página 17 de 20'. At the very bottom of the page, there is a Google logo and the text 'Google Formulários'.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Se tivesse conhecimento e oportunidade, assistiria ou participaria em atividades do CCCM? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 17 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 13 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eAZfkYIVxc-10dJvOEySSdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other extensions. The form itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, it says "*Obrigatório". The form is divided into sections, with the current section titled "Untitled section". The question in this section is "Considera adequadas as atividades e exposições do CCCM, enquanto promotor da cultura macaense? *". There are four radio button options: "Ignoro, porque nunca tive conhecimento", "Sim, o que existe é suficiente", "Poderiam existir mais atividades e eventos sobre Macau", and "Não sei/Não respondo". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" and "PRÓXIMA". A progress bar indicates the current position, and it says "Página 18 de 20". At the very bottom of the page, there is a disclaimer: "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais". The Google logo and the word "Formulários" are also visible at the bottom.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Untitled section

Considera adequadas as atividades e exposições do CCCM, enquanto promotor da cultura macaense? *

☐ Ignoro, porque nunca tive conhecimento

☐ Sim, o que existe é suficiente

☐ Poderiam existir mais atividades e eventos sobre Macau

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 18 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 14 no texto)

The image shows a web browser window displaying a Google Form. The browser's address bar shows the URL: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd-e0eA2fkYlVxc-10dljvOEyssdRLzF9wVcAqEe6fv0noVMA/formResp...>. The browser's toolbar includes various icons for applications, suggested sites, Google, Gmail, a dictionary, Google Translate, and other services. The form itself has a purple header with the title "O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)". Below the title, there is a red asterisk and the word "Obrigatório". The main question is "Considera ser importante o relacionamento de Portugal com a China através de Macau? *". There are three radio button options: "Sim, Macau é tradicionalmente um importante intermediário no relacionamento entre Portugal e a China", "Não, torna-se necessário encontrar alternativas para um bom relacionamento entre Portugal e a China, sem ser através de Macau.", and "Não sei/Não respondo". At the bottom of the form, there are two buttons: "VOLTAR" and "PRÓXIMA". A progress bar indicates the current page is "Página 19 de 20". Below the form, there is a small text line: "Nunca envie senhas pelo Formulários Google." and a footer with the text "Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais" and the "Google Formulários" logo.

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

*Obrigatório

Considera ser importante o relacionamento de Portugal com a China através de Macau? *

☐ Sim, Macau é tradicionalmente um importante intermediário no relacionamento entre Portugal e a China

☐ Não, torna-se necessário encontrar alternativas para um bom relacionamento entre Portugal e a China, sem ser através de Macau.

☐ Não sei/Não respondo

VOLTAR PRÓXIMA

Página 19 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Google Formulários

(Gráfico 15 no texto)

O Museu de Macau e o Centro Científico Cultural de Macau (CCCM)

Muito obrigado pela sua colaboração. A sua contribuição será muito útil para a minha dissertação.

☐ Não sou um robô 
reCAPTCHA
[Privacidade](#) - [Termos de Utilização](#)

[VOLTAR](#) [ENVIAR](#) Página 20 de 20

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

Google Formulários

Anexo 10 – Aproveitando, em maio passado, a presença em Lisboa, para participar num ciclo de conferências organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, da Prof.^a Dr.^a Yupin Chung, Curadora de Arte Chinesa do Museu de Glasgow e investigadora honorária Sênior da Universidade de Glasgow, elaborámos um questionário com 12 questões a que esta especialista em museologia de renome internacional teve a amabilidade de responder.

1. O desenvolvimento económico e social das últimas décadas, tem contribuído para um desenvolvimento cada vez maior para a cultura. Hoje em dia parece que as populações estão mais afastadas dos museus de temática histórica, preferindo antes os museus com temáticas científica. Na sua perspetiva, a que se deve tal facto?

Y. Chung: “Um museu é uma instituição que cuida de uma coleção com importância artística, cultural, histórica ou científica. Para uma família à procura de edificação num sábado à tarde, uma viagem a um museu de história poderia ser uma maneira divertida e informativa de passar o dia. Para um educador escolar, um museu pode ser visto como uma forma de educar os alunos sobre a missão do museu, como história informal ou ambientalista.”

2. A visita aos museus de História, seja ela antiga ou contemporânea é uma viagem de visita ao passado. Acha que as pessoas reconhecem nessas visitas formas de preservação da memória do seu património, enquanto povo dominante, ou sentem que ao perderam territórios perderam o interesse por esse património que possuíam, porque perderam o controlo social e cultural desses povos, dentro da ótica apresentada por Edward Sahid no seu livro “Orientalismos”.

Y. Chung: “Vejo um museu/galeria como um tipo de laboratório de aspirações e movimentos culturais locais, para refletir questões na região em que está localizado, bem como abordar as de outras culturas que interessam ao museu e ao público. As visitas a museus e galerias são mais memoráveis quando os visitantes de todas as idades participam e se sentem totalmente envolvidos e inspirados, e desejam fazer visitas de retorno.”

3. Na sua visão, os governos têm contribuído convenientemente para promover uma cultura museológica?

Y. Chung: “Sim. Por exemplo, na Escócia, trabalhei como curador principal para a renovação da Burrell Collection, com o objetivo de criar uma experiência totalmente nova para os visitantes. Eu também sou curadora principal para uma

grande exposição de Obras-primas da Coleção Burrell para expor nos Estados Unidos a partir de 2018.”²⁴

4. Considera que o projeto “Our Museum”²⁵ teve êxito no caso particular dos “Staff Ambassador”, e na estratégia adotada para os “Glasgow Museums”, e se assim for poderia ser um modelo adequado a adotar pelos museus portugueses?

Y. Chung: “Temo não ter investigado o projeto “Nosso Museu”. Em Glasgow, pedimos ao Planeamento de Ação para ajudar a montar um novo plano estratégico para atender nosso ambiente cultural em mudança.”

5. Com o avanço das redes sociais e das migrações dos povos, as sociedades avançam para novas tendências culturais que se distanciam das suas origens nacionais. Poderemos assim estar a avançar para uma nova cultura transnacionalista? Os museus reforçam ou afastam esta nova tendência cultural?

Y. Chung: “Espero que sim. O meu atual trabalho e envolvimento no setor cultural na Escócia, aliado ao meu amplo conhecimento e experiência em outras partes da Grã-Bretanha e no exterior, dá-me grande confiança na minha capacidade de atender e exceder os requisitos nesse nível.”

6. Podem os museus demonstrar que as atitudes herdadas do passado redefinem o pensamento atual no mundo em constante mudança?

Y. Chung: “Os profissionais do museu devem estar sempre ansiosos para aprender coisas novas com determinação, para ver como qualquer função ou tarefa pode encaixar-se num enquadramento maior.”

7. Os orçamentos para financiarem os museus e as suas atividades, enquanto conhecimento histórico e da cultura das sociedades, têm sido cada vez mais reduzidos e os recursos financeiros destinados aos museus, são direcionados para os museus que representam o conhecimento científico. Os museus dedicados à ciência conseguem mais apoios que aqueles dedicados à História e à cultura das sociedades. Os jovens que frequentam os museus, alguns futuros decisores políticos ou potenciais patrocinadores de museus no futuro, não estarão a ser sugestionados para darem preferência ao conhecimento das ciências exatas, declinando as áreas da cultura geral e do conhecimento histórico?

Y. Chung: “Há muito tempo que creio que o acesso público às coleções é vital, tanto nos aspetos de interesse científico quanto cultural. A minha firme convicção

²⁴ <http://advisor.museumsandheritage.com/glasgows-burrell-collections-66m-refurbishment-to-begin-in-2016/>

²⁵ Este projeto foi um estudo nacional produzido em Inglaterra, e feito a 12 museus e galerias, com a finalidade de conhecer o nível de envolvimento ao serviço da causa pública e da ideia das participações efetuadas para um melhor serviço público.

é de que os museus e galerias estão lá principalmente para o público, e de facto, os visitantes devem ser a força vital e a alma de cada estabelecimento cultural.”

8. Atualmente existe uma maior procura, por parte do ocidente e dos portugueses, de pessoas cada vez mais interessadas em formações especializadas em estudos asiáticos ou orientais. No seu entender a que se deve tal facto?

Y. Chung: “Acredito que a experiência internacional e as faculdades linguísticas ajudarão fortemente a promover a oferta cultural portuguesa para um público mais amplo, aumentando assim a reputação internacional dos bens culturais.”

9. Esta tendência é um fenómeno causado e potenciado pela globalização?

Y. Chung: “GLOBALIZAÇÃO, tornou-se a palavra-chave das últimas duas décadas. Penso que os portugueses estão interessados na China há muito tempo.”

10. Conhece o Museu de Macau?

Y. Chung: “Só lá fui uma vez. Espero que a exibição inspire as pessoas a descobrir um pouco mais.”

11. Deveria o Museu de Macau ser mais participativo nas atividades do CCCM?

Y. Chung: “Sim. Para apoiar a provisão de uma comunidade de pesquisa vibrante, identificando oportunidades e realizando eventos de pesquisa.”

12. Se conhece o Museu de Macau, a presença histórica e cultural dos portugueses em Macau está bem representada pelo museu?

Y. Chung: “Para desenvolver novas abordagens de pesquisa, exibição e interpretação. Isto será alcançado através de workshops e conversações, materiais escritos para divulgação e possivelmente sugerindo cooperação futura com novas relações com Macau.”

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo 11 – Publicações e atividades do Museu de Macao e do CCCM:

Publicações e edições

“Cartografia de Macau – Séculos XVI e XVII – Luís Filipe Barreto, (Catálogo de Exposição), Lisboa, Missão de Macau em Lisboa” (1997);

“Fernão Mendes Pinto e os Mares da China – Luís Filipe Barreto, Missão de Macau” (1998);

“Os Fundamentos da Amizade – Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas – Fernando António Baptista Pereira” (1999);

“Guia do Museu de Macau do Centro Científico e Cultural de Macau” (1999);

“Cerâmicas de Timor Loro Sae – José Duarte Correia Arez” (2001);

“O Chá da China – Uma Coleção Particular – Luís Mendes da Graça, João Teles e Cunha e Maria Manuela de Oliveira Martins” (2005);

“Lições de Chinês para Portugueses – Wang Suoying e Lu Yanbin, Livro 1 - 2ª edição revista e aumentada” (2006);

“O Espelho Invertido: Imagens Asiáticas dos Europeus 1500-1800 – Jorge Flores” (2007);

“Macau: O Primeiro Século de Um Porto Internacional – Jorge M. dos Santos Alves e outros” (2007);

“Apologia do Japão – Valentim de Carvalho, S.J., Introdução e transcrição de José Eduardo Franco” (2007);

“A Embaixada enviada por D. João V ao Imperador Yongzheng (1725-1728) através da documentação do Arquivo Distrital de Braga – Mariagrazia Russo” (2007);

“The Jesuits, the Padroado and East Asian Science (1552-1773) – Luís Saraiva e Catherine Jami (ed. de), Co-edição do CCCM, I.P. e do CMAFUL, Singapura” (2008);

“Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633) – Isabel Pina” (2008);

“Lições de Chinês para Portugueses – Wang Suoying e Lu Yanbin, Livro 2” (2008);

“Informação da Aurea Quersoneso – Manuel Godinho de Erédia, Introdução, fixação do texto e anotações de Rui Manuel Loureiro” (2008);

“Confluência de Interesses: Macau nas Relações Luso-Chinesas Contemporâneas (1945 – 2005) – Moisés da Silva Fernandes, Coedição do CCCM, I.P. e do Instituto Diplomático” (2008);

“A Concepção de Missionação na Apologia de Valignano. Estudo sobre a Presença Jesuíta e Franciscana no Japão (1587-1597) – Pedro Lage Reis Correia” (2008);

“Tomás Pereira (1646-1708). Um Jesuíta na China de Kangxi – Coord. geral de Luís Filipe Barreto” (2009);

“Nas Partes da China - Rui Loureiro” (2009);

“Macau During the Ming Dynasty – ed. Luis Filipe Barreto” (2009);

“Livro de Resumos de Comunicações – Colóquio Internacional Cidades Portuárias e Relações Interculturais” (2009);

“Fontes Para a História de Macau no séc. XVII - ed. Elsa Penalva e Miguel Lourenço” (2009);

“Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana, Tomos I e II – Prefácio, tradução e comentário de Américo da Costa Ramalho e estabelecimento do texto latino de Sebastião Tavares de Pinho, Co-edição do CCCM, I.P. e da Imprensa da Universidade de Coimbra” (2009);

“A Presença Inglesa e as Relações Anglo-Portuguesas em Macau (1635-1793) – Rogério Miguel Puga” (2009); “Tomás Pereira, S.J. (1646-1708). Life, Work and World – ed. Luis Filipe Barreto” Ed. Ingesa (2010);

“Rumos de Macau e das Relações Portugal-China (1974-1999) / Paths of Macau and of Portuguese-Chinese Relations (1974 – 1999) – Coord. de Luís Filipe Barreto – Ed. Inglesa” (2010);

“Recordações de Cinco Continentes – Chen Ziyang” (2010);

“Livro de Resumos de Comunicações (CD) – Colóquio Internacional Europa-China: Relações Interculturais” (2010);

“Lições de chinês para Portugueses, livro 3, Wang Suoying e Lu Yanbin” (2010);

“Bulletin of Portuguese/Japanese Studies, vol. 17” (2010);

“As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa, Imaginário e Viagem, Actas do II Colóquio de Artes Decorativas” (2010);

“Tomás Pereira. Obras, Coordenação de Luís Filipe Barreto;

Tradução de latim para português de Arnaldo do Espírito Santo;

“Leitura, Transcrição e Notas de Ana Cristina da Costa Gomes, Isabel Murta Pina e Pedro Lage Correia” (2011);

“Noël Golvers, Portuguese Books and their readers in the Jesuit Mission of China (17th-18th centuries)” (2011);

“Mulheres em Macau, Donas Honradas, Mulheres Livres e Escrava, Elsa Penalva” (2011);

“Los Chinos en Manila, Siglos XVI y XVII, Juan Gil” (2011);

“Jesuítas Chineses e Mestiços da Missão da China (1589 – 1689), Isabel Pina” (2011);

“Bronzes e jades da China Antiga. Coleção José de Guimarães – Catálogo de Exposição de Autoria Colectiva” (2011);

“A Sketch of China’s Political and Economic History from Tang, Roderich Ptak” (2011);

“Port Cities and Intercultural Relations. 15th-18th Centuries” (2012);

“O Culto de Mazu. Uma visão histórica (da dinastia Song ao início da dinastia Qing) / Der Mazu-Kult. Ein historischer Überblick (Song bis Anfang Qing), Roderich Ptak” (2012);

“Macau e a Inquisição nos Séculos XVI e XVII – Documentos (CD), Miguel Rodrigues Lourenço” (2012);

“Livro de Resumos (CD) – Colóquio Internacional Macau: Passado e Presente” (2012);

“Europe – China. Intercultural Encounters (16th-18th Centuries), ed. de Luís Filipe Barreto” (2012);

“Tracing Macau Through Chinese Writers and Buddhist / Daoist Temples, Christina Miu Bing Cheng” (2013);

“Para a História da Tradução em Macau, ed. de Luís Filipe Barreto e de Li Changsen” (2013);

“China / Macau e Globalizações: Passado e Presente” (2013);

“Accommodating Diversity: The People’s Republic of China and the ‘Question of Macao’ [1949-1999], Francisco Gonçalves Pereira” (2013);

“A Coleção dos Objectos para o Fumo do Ópio do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau, Alexandrina Costa” (2013);

“Paz e Serenidade: Cerâmicas Song da Coleção Qingjingtang, Robert D. Mowry, Song Baocai, Elisabetta Colla” (2014);

“Heráldica Portuguesa na Porcelana da China Qing, Pedro Dias” (2014);

“Diáspora Macaense – Macau, Hong Kong, Xangai (1850-1952), Alfredo Gomes Dias” (2014);

“China / Macau: Viagens, Peregrinações, Turismo” (2014);

“The Jewish Diaspora and the Perez Family Case in China, Japan, the Philippines, and the Americas (16th Century), Lucio de Sousa, Macau, FM – CCCM” (2015);

“Património Cultural Chinês em Portugal, Luis Filipe Barreto e Vítor Serrão” (2015);

“Macau, Past and Present, Luis Filipe Barreto e Wu Zhiliang” (2015);

“China / Macau: Tradução e Interpretação – Passado e Presente” (2015);

“The Earliest Extant Bird list of Hainan: An Annotated Translation of the Avian Section in Qiongtai Zhi, Wiesbaden, Centro Científico e Cultural de Macau / Harrassowitz Verlag” (2015);

“ed. de Luís Filipe Barreto e de Li Changsen, Lisboa, FM – IPM – CCCM, 2016 (edição em chinês)” (2016);

“Camões In Asia, Eduardo Ribeiro” (2016);

“Macau e a Inquisição de Goa (c. 1582 – c. 1650), Miguel Rodrigues Lourenço” (2016).

Ações de formação do museu

2010 – Atelier – Os instrumentos Musicais Chineses

2010 – Atelier – A Escrita Chinesa

2010 – Curso Formação Contínua – Cultural Visual na China Imperial e Contemporânea – Uma Abordagem Comparativa

2010 – Curso de Verão – O Pensamento Religioso Chinês – Doutora Ana Cristina Alves

2010 – Workshop – FCT – Engº. Carlos Freire

2010 – Curso de Verão – Hierarquias Sociais de Macau Séculos XVI e XVII – Doutora Elsa Penalva

2010 – Curso de Formação Contínua – O Triângulo da Diáspora Macaense – Doutor Alfredo Gomes Dias

2010 – Curso Religiões Asiáticas

2011 – Lançamento 3.º Volume do Manual de Lições de Chinês para Portugueses

2011 – Concurso Ponte de Língua Chinesa

2011 – Programa de Verão – Curso O Jardim na Tradição Cultural Chinesa – Doutor José Manuel Duarte de Jesus

2011 – Curso de Formação Contínua – Missionários Jesuítas na China Ming / Ching – Isabel Pina

2011 – Curso de Formação Contínua Eppur si Muove: Caminhos da História da Arte em Tempo de Globalização – Vítor Serrão

2011 – Curso de Formação Contínua – Qing 情: o Sentimento e as Emoções na Literatura Chinesa Imperial – Elisabetta Colla

2012 – Atelier – A Escrita Chinesa

2012 – Workshop Eco inovação

2012 – Curso de Paleografia – Ana Cristina Costa Gomes

2012 – Curso de Formação Contínua Conferência Professora Virgínia Trigo Cultura & Comunicação na China – Negociação e Confucionismo

2012 – Concurso de Canções chinesas

2013 – Aulas Abertas Mestrado/Licenciatura em Estudos Asiáticos – Elisabetta Colla / José de Guimarães

2013 – Curso de Formação Contínua – Representação da Torre de Babel na Arte Asiáticas – Índia Atual e Hindi Shiv Kumar Singh (FLUL) – Coordenação Elisabetta Colla

2013 – Workshop Cosmo Luso

2013 – Aula Língua Chinesa – Estudos Asiáticos – Elisabetta Colla

2013 – Workshop – Empreendedorismo For Life

2014 – Seminário O Papel de Macau no Intercâmbio Sino-Luso-Brasileiro.

2014 – Concurso Ler Chinês - Prof.^a Wang Suoying

2015 – Workshop A Língua Chinesa

Colóquios

2010 – Outubro – Colóquio Internacional Europa – China Relações Interculturais Séculos XVI/ XVIII

2011 – Não houve

2012 – Outubro – Colóquio Internacional – Macau Passado e Presente

2012 – Colóquio Internacional – CCCM

2013 – Janeiro – Colóquio nacional O Património Cultural Chinês em Portugal
2013 – Outubro – Colóquio Internacional China/Macau e Globalizações: passado e Presente
2014 – Outubro – Colóquio Internacional China / Macau: Viagens, Peregrinações, Turismo
2015 – Outubro – Colóquio Internacional China/Macau Tradução e Interpretação Passado e Presente

Concertos

2010 – Concerto Orquestra Gulbenkian
2010 – Recital de Cravo – Inserido no Colóquio Internacional CCCM
2014 – Coro Molihua
2015 – Recital – Guitarra Clássica e Percussão com Músicos da Orquestra Metropolitana

Conferências

2010 – COMEMORAÇÕES DO ANO DO TIGRE, Conferência – Prof.^a Wang/
Documentário
2010 – Expo 2010 Shanghai – Mostra e Conferência – CCCM/ Embaixada da R. P. da China
2010 – Conferência de Verão – Porcelana Armoriada Portuguesa do Museu do CCCM –
Doutor Miguel Metelo de Seixas
2010 – Conferência de Verão Biombos Namban: Um Olhar Japonês sobre os Portugueses do
Século XVI – Doutora Alexandra Curvelo
2010 – Conferência de Verão – Italianos No Oriente Português (Século XVI): entre
Aventuras, Comércio e Batalhas – Doutora Nunziatella Alessandrini
2010 – Conferência – Arte e Plantas – Prof. Doutor Luís Mendonça Carvalho
2010 – Lançamento de Livro – As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa, Imaginário e
Viagem
2010 – Lançamento de Livro Tomas Pereira S. J. (1546 – 1708) Life, Work and World
2010 – Conferência – First International Postgraduate Course on Functional Discourse
Grammar
2010 – IKEBANA – Conferência/ Exposição/ Beberete
2011 – Conferência Portugal, China e Macau: o Advento das Repúblicas – proferida por
Alfredo Gomes Dias

2011 – Lançamento de Livro Macau nos Anos da Revolução Portuguesa 1974/1979 – General Garcia Leandro

2011 – Ciclo de Conferências – A Sketch of China’s Political and Economic History from Tang to Yuan – Roderich Ptak

2011 – Conferência Relações Luso Italianas nos Séculos XV a XVIII

2011 – Lançamento de Livro Mulheres em Macau – Donas Honradas, Mulheres Livres e Escravas – Dra. Elsa Penalva

2011 – Congresso Internacional (IICT) Pequena Nobreza nos Impérios Ibéricos de Antigo Regime

2011 – Conferência – Celebração dos 150 anos da União de Itália Global Histories”: Roma, Lisboa, Goa, Macao, Pequino, Nagasaki 1550-1639 - Proferida por Angelo Cattaneo

2011 – Programa de Verão – Conferência A Coleção de Moedas do CCCM

2011 – Programa de Verão – Conferência Os Fios de Ouro e de Seda Chineses: Materiais Exóticos na Documentação Europeia dos Séculos XVII e XVIII (Parte 2) – Maria João Ferreira

2011 – Lançamento de Livros – Los Chinos en Manila – Siglos xvi y XVII de Juan Gil e Jesuítas Chineses Mestiços da Missão da China (1589 – 1689) de Isabel Pina

2011 – Lançamento de Livro / Conferência Portuguese Books and their Readers in the Jesuit Mission o f China (17th/18th Century) Professor Noel Golvers

2011 – Exposição Grande Transformação Cem Anos da Revolução Chinesa de 1912 – Conferência IODP / Ecord Consorcio – FCT

2012 – Lançamento de Livro – Tomas Pereira – Obras

2012 – Lançamento de Livro – Port Cities and Intercultural relation 15th – 18th Centuries

2012 – Mesa Redonda Monsenhor Manuel Teixeira

2012 – Conferência Cem Anos de Canção Chinesa – Chen Xiaoguang – Vice-Presidente da Federação dos Círculos Literários da China CCCM / Embaixada da R. P. da China

2012 – Conferência Macau, Hong Kong e Shanghai: Repúblicas e Migrações (1908 – 1918) – Alfredo Gomes Dias

2012 – Conferência Mulheres Viajantes e Escritoras em Macau e Manila no Século XVII – Elsa Penalva

2012 – Conferência Emergings Art Markets – Ian Robertson

2012 – Conferência Contemporary Artistic Production in China – Ian Robertson

2012 – Ciclo de conferências Integrado no consórcio de Estudos Asiáticos – Luís Mah

2013 – Lançamento de Livro Europe – China Cultural Encounters

2013 – Lançamento de Livro de Roderich Ptak “A-Ma”, CCCM/FJA

2013 – Lançamento de Livro: Os Governadores de Macau

2013 – Lançamento de Livro de Jorge Rangel

2013 – Ciclo de Conferências – Elsa Penalva

2013 – Conferência – From Sanxian do Shamisen: Exploring the development of the three-string lute from China to Japan – Shino Arisawa

2013 – Conferência Academia das Ciências de Lisboa – A Presença Portuguesa em Macau – Luís Filipe Barreto

2013 – Conferência Direito Constitucional de Macau – Jorge Bacelar Gouveia

2013 – Homenagem ao Professor Banha de Andrade – Mostra Bibliográfica

2013 – Mostra sobre as Atividades do CCCM

2013 – Conferência Syntactic Typology of South Asian Languages – with special reference to language contact and convergence – Professor Karunuri Venkata Subbarao

2013 – V Seminário O Papel de Macau no Intercâmbio Sino-Luso-Brasileiro – Instituto Internacional de Macau

2015 – Lançamento de Livro – Luís Cunha - Instituto Internacional de Macau

2015 – Lançamento de Livro: Palavras Cansadas da Gramática, Gradiva – Doutor Yau Jing Ming

2015 – Lançamento de Livro A Minha Viagem pelo Mundo em Tempo de Tufão e Bonança

2015 – Lançamento de Livro Cronologia de Macau, Livros do Oriente

2015 – Reunião Internacional – Indicadores de Ciência e Tecnologia – D. Geral de Estatística da Educação e Ciência

2015 – Conferência sobre Medicina Chinesa

2015 – Lançamento de Livro Património Cultural Chinês em Portugal

Exposições

2010 – Exposição Itinerante – O Espelho Invertido

2010 – Exposição China Paralelo 30

2010 – Exposição Itinerante - Cartografia de Macau
2010 – Expo 2010 Shanghai - Mostra e conferência
2010 – Visita Guiada - Problemas e Temas de Pintura no Mundo Português Séculos XVI, XVII e XVIII – Prof. Vítor Serrão
2011 – Exposição Achados Arqueológicos da China
2011 – Exposição Temporária “Cem Descobertas Arqueológicas Chinesas”
2011 – Exposição Ásia – O Império das Escritas
2011 – Exposição Bronzes e Jades da China Antiga – Coleção José de Guimarães
2012 – Ano Novo Lunar Exposição O Vermelho na Cultura Chinesa - CCCM / Embaixada da R. P. da China
2012 – Exposição O Vermelho na Cultura Chinesa
2012 – Exposição (Reposição) Um Século de Mudança – Os 100 Anos da Revolução Chinesa de 1911 - CCCM / Embaixada da República Popular da China
2012 – Conferência Portugal, China e os Novos Regimes Republicanos: Continuidades e Roturas no Diálogo Luso-Chinês em Torno da Questão de Macau – Alfredo Gomes Dias
2012 – Exposição Associação de Amizade Portugal Japão
2012 – Exposição Asas da Cultura – Um Panorama da Renovação Cultural na China
2013 – Reposição da Exposição – Cartografia de Macau – Séculos XVI e XVII
2014 – Exposição – 35.º Aniversário do Estabelecimento das Relações – Diplomáticas entre Portugal e a R. P. da China
2014 – Ensaio e Fotografias
2014 – Exposição Fotográfica A China é Bela
2014 – Exposição Paz e Serenidade: Cerâmicas Song da Coleção Qingjintang (coleção Francisco Freire)
2015 – Exposição: Macau 15 Anos de Sucesso – IIM

Filmes

2010 – V Fórum Internacional (Projeção de um Filme sobre Xangai)

Visitas

2010 – Visita a Biblioteca do CCCM